



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

ISIS ALUSKA DOS SANTOS SILVA

Aprendendo a ser mulher? Construção de identidade de gênero:
Memórias da relação de mulheres com suas bonecas

JOÃO PESSOA/PB

2016

ISIS ALUSKA DOS SANTOS SILVA

Aprendendo a ser mulher? Construção de identidade de gênero:
Memórias da relação de mulheres com suas bonecas

Trabalho submetido à banca de defesa, do
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como exigência para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eulina
Pessoa de Carvalho

JOÃO PESSOA/PB

2016

S586a Silva, Isis Aluska dos Santos.

Aprendendo a ser mulher? construção de identidade de gênero: memórias da relação de mulheres com suas bonecas / Isis Aluska dos Santos Silva.- João Pessoa, 2016.

118f. : il.

Orientadora: Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE

1. Educação. 2. Aprendizagem de gênero. 3. Bonecas.
4. Corpo. 5. Memória.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

ISIS ALUSKA DOS SANTOS SILVA

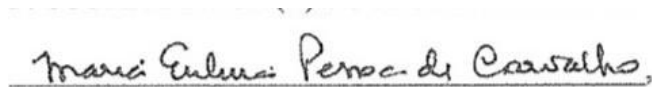
Aprendendo a ser mulher? Construção de identidade de gênero:
Memória da relação de mulheres com suas bonecas

Trabalho submetido à banca de defesa, do
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como exigência para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eulina
Pessoa de Carvalho

Dissertação aprovada em: 13 /05 / 2016, para obtenção do título de Mestre em
Educação.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho - UFPB
(Orientadora – Titular - Presidente da Banca)

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes- UFPB
(Examinadora Interna – Titular)



Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo– UFPB
(Examinadora Externa – Titular)

Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena- UFPB
(Examinador Suplente)

“Se for pra ser um companheiro, ele tem que ser foda, mulher. Sabe por quê? Porque você é foda. Não aceite qualquer coisa. Não fique tentando acolher toda incapacidade afetiva que vê pela frente, criando quem ainda não tem condições de te entender, aceitar, enxergar. Já deu. Você está alguns passos à frente porque se forjou na dor. Sobreviventes são sempre mais sábios. O quase morrer de cada dia amadurece demais. Submeter-se por acreditar em falta de opção é um feminicídio lento. Pesquise-se, desfaça essas crenças limitantes marcadas na tua pele desde a primeira boneca, reveja essa autoimagem que te desencoraja, quebre esse padrão que consome a tua família desde bem antes da tua bisavó. Faça o que for necessário pra se fortalecer, vire-se do avesso: terapia, caminho espiritual, dedicação profissional, militância... Você precisa ser sua, por mais que seja muito doloroso esse jogo doentio de nunca poder descansar emocionalmente no colo de alguém. Nós temos sido os melhores colos do mundo há muito tempo, o know-how é todo nosso, vamos vencer isso. Não desperdice a sua existência sagrada com quem não tem empatia. E estou falando em voz alta para que eu ouça também. Ainda erraremos, ainda insistiremos no que não vale a nossa lágrima, mas desde já estamos fundando um eixo para o qual possamos sempre voltar, um ninho para a nossa fênix. Precisamos nos dizer isso incansavelmente, até o fim das nossas vidas, porque estão conseguindo nos convencer do contrário há milênios.”

Maria Gabriela Saldanha

Agradecimentos

Antes de agradecer a cada pessoa que fez possível esse momento, posso dizer que ele realmente não seria possível sem a participação e ajuda de todas essas pessoas e que o significado delas em minha vida e a importância na participação dessa fase se fará sentida e lembrada sempre.

Ressalto que esta dissertação faz parte de um ciclo que se fecha e que me deixa muito feliz e verdadeiramente agradecida por ter conseguido apesar de tudo chegar até aqui.

Acredito que a primeira pessoa que tenho que agradecer é a minha eterna professora e inspiração de ser humano **Patrícia Cristina**, que num momento crucial de escolha sempre me vinha à memória com as suas palavras de otimismo me dizendo o quanto eu era capaz de conseguir prosseguir minha vida acadêmica, agradecer pela atenção de sempre e por sua participação também na banca de defesa desta dissertação.

A segunda pessoa a agradecer é o meu amigo **Ramon de Alcântara**, que com sua parceria e carinho me avisou prontamente da abertura da inscrição para a seleção do mestrado, por sempre me incentivar, por me ajudar a reelaborar meu projeto para a seleção e por me auxiliar de todas as formas possíveis para a realização deste momento. A vida, os acontecimentos, acabaram nos distanciando de alguma forma, mas quero sempre salientar que você é alguém a quem amo muito e isso vai continuar.

Agradecer a **Alanne Rayssa** que gentilmente me abriu as portas de seu apartamento, deixando a chave debaixo do tapete quando eu precisava estar em João Pessoa nos primeiros dias de aula e que sempre me acordava com seu sorriso e uma porção de maçã com granola.

Agradecer a minha mãe, **Nilda Silva** por ser meu espelho de mulher que batalha, que persevera e que acima de todas as dificuldades se mantém de pé sem reclamar, buscando sempre a melhor alternativa pra tudo. Por ter me dito que não desistisse em nenhum momento, que ficou sozinha por muitos dias mesmo precisando de mim e por acreditar que todo o esforço pra uma mulher estudar e alcançar seus objetivos vale a pena.

Agradecer a **Igor Eloi**... Sem ele nada disso teria sido possível. Foi você quem estive ao meu lado desde a preparação dos documentos pra enviar para seleção, passando a me ajudar financeiramente e emocionalmente quando eu precisei. Foi com você que eu dividi meus dias, minhas lágrimas e meus sorrisos, com quem eu acordei e dormi, que me escutou e que mesmo agora ainda me escuta. Não posso neste momento dizer que nos separamos quando eu mais preciso e precisei de você, só posso ressaltar o fato de que ao seu lado tive dias em que só você me sustentou de pé, com seus abraços enormes, seus sorrisos e sua voz me dizendo sempre: “pode contar comigo sempre que precisar, o que eu puder fazer por você eu faço”. Obrigada por ter caminhado ao meu lado.

Agradecer imensamente à professora **Maria Eulina** por ter me ajudado, orientado e me aceitado como sua orientanda. Apesar de ser super atarefada e solicitada, abriu um espaço para me ajudar e me orientar. Por entender minha proposta de trabalho, por me ajudar a apresentá-la da melhor maneira possível e por me incentivar quando eu me achava perdida em meio aos questionamentos frequentes sobre qual caminho seguir na escrita. Por ter paciência com relação às minhas angústias e por ter ouvidos atentos e sensíveis quanto aos momentos de dificuldades acadêmicas e pessoais. Obrigada sempre por todas as orientações.

Agradecer também à professora **Maria Lúcia** que nos primeiros momentos, em sua disciplina, me ajudou a tomar um rumo na pesquisa, fazendo com que eu enxergasse que este trabalho deveria seguir pelo viés dos estudos de gênero, por ser sempre acolhedora e prestativa às nossas inquietações como mestrandas, por ser um exemplo de educadora e pela aceitação em participar da banca de avaliação desta dissertação.

Agradecer aos professores do mestrado com os quais estudei algumas disciplinas: Ricardo Lucena, Fernando Andrade e professora Elizete Carvalho.

De forma geral quero agradecer a todas as pessoas que fizeram parte dessa caminhada no mestrado. Aos meus e minhas colegas de turma, Joani Melo com sua alegria de sempre, Filippe Paulino, Francisco, Anna Luzia e Rejanira Gertrudes (com as quais dividi apartamento). Às minhas irmãs de linha e pesquisadoras de gênero: Meiry Silva e Jocineide Silva, que também me

ajudou de inúmeras formas, a Adenilda Moraes, que filmou e fotografou todo o processo da oficina de bonecas, a Samuel Rocha, sempre prestativo e disposto a nos ajudar nos vários perrengues burocráticos, a Débora Michele e a tantos outros que de forma direta ou indireta estiveram lá fazendo parte dessa caminhada.

Agradecer aos meus amigos Júlio César e Laryssa Vieira, a Cássia de Souza e Mikael, ao meu amado amigo de todas as horas e ilustrador da capa da dissertação Anderson Santana, a Alisson Nogueira pela edição do vídeo da oficina e a Karoline Costa pela tradução do resumo para o inglês, a Jeberson Ricart, Rodolfo Monteiro e Otávio Lima que mesmo distantes se fizeram extremamente presentes e importantes nos últimos meses. A amiga Berion, Maria de Fátima e o amigo Flávio, a Priscilla Araújo e a minha irmã do coração Surama Rocha.

À minha família: Meu pai, Silvio Vieira. Minhas primas: Adriana Kelly, Taciana Ferreira, Yasmin Bezerra e minhas tias: Iêda Silva e Nilza Santos. E não poderia deixar de também nessa lista incluir meus pets, meus gatinhos, companheiros silenciosos de todas as madrugadas de estudo.

Agradecer ao Centro de Educação e à Universidade Federal da Paraíba. Às meninas integrantes do NIPAM e à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Agradecer a Deus, não por último, mas por tudo e por todas essas pessoas, agradecer acima de todas as coisas e por todas as oportunidades, por me sustentar e me dar forças a cada dia.

Por fim, quero dedicar este texto à minha avó **Tereza dos Santos Silva**, uma mulher que com quase 90 anos de idade vem resistindo silenciosamente, esquecida de si e do mundo tomada pelo Alzheimer... Só quero lembrar por você o quão importante é a sua existência pra todos nós da família.

RESUMO

Este texto tem como objetivos analisar a relação entre educação e aprendizagem de gênero feminino e o artefato cultural boneca; e discutir a construção da autoimagem da mulher e sua relação com o corpo a partir da memória e da escrita de si. O texto estrutura-se da seguinte forma: Introdução, onde apresenta o tema, os objetivos, a problematização, justificativa e motivação, sua relevância e contribuição para a área da Educação e dos Estudos Culturais, assim como o referencial teórico. No primeiro capítulo, elabora uma breve história das bonecas e sua influência na vida das mulheres da infância até a fase adulta. O segundo capítulo descreve a pesquisa no seu caráter de ação/intervenção, relatando o processo de experiência de docência da pesquisadora em sala de aula e esta como lócus da pesquisa, como também a experiência da oficina de bonecas aí realizada. Por fim, o terceiro capítulo traz as análises dos documentos apreendidos. Dessa forma, a metodologia aplicada consistiu em coletar textos descritivos e narrativos das participantes pesquisadas, como também realizar com as mesmas uma oficina de bonecas na qual elas montaram uma boneca e a apresentaram no intuito de exteriorizar uma autoimagem através desse objeto. Os resultados obtidos com a pesquisa indicam que não apenas o objeto boneca, mas toda uma rede de instituições e grupos sociais, principalmente a família, têm importante e decisiva participação nessa aprendizagem de gênero feminino direcionando as meninas a serem mulheres e como uma mulher deve se comportar, reforçando assim uma ideologia de ser e como ser mulher.

Palavras-chave: Aprendizagem de gênero. Bonecas. Corpo. Educação. Memória.

ABSTRACT

This text has as objectives to analyze the relationship between education and learning of female gender and the workmanship cultural doll; and to discuss the construction of the woman's self-conception and his/her relationship with the body starting from the memory and of the writing of itself. The text is structured in the following way: Introduction, where it presents the theme, the objectives, the problematization, justification and motivation, his/her relevance and contribution for the area of the Education and of the Cultural Studies, as well as the theoretical referential. In the first chapter, it elaborates an abbreviation history of the dolls and his/her influence in the women's from the childhood life through the adult phase. The second chapter describes the research in it action / intervention character, presenting the process of experience of the researcher's teaching in classroom and this space as locus of the research, as well as the experience of the doll's workshop that have been accomplished there. Finally, the third chapter consists on the analyses of the documents that had been apprehended along the research. In that way, the applied methodology consisted of collecting the researched participants' descriptive and narrative texts, as well as to accomplish with the same ones a doll's workshop in which they could set up a doll and they introduced her/it in the intention of uttering a self-conception through of that object. The results obtained with the research indicate that not just the doll as an object, but an entire system of institutions and social groups, mainly the family, they have important and decisive participation in that learning of female gender guiding the girls how to become women and the women ideal behavior, reinforcing with this an ideology of how a woman has to be and how a woman has to act.

Keywords: Gender learning. Dolls. Body. Education. Memory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. Bonecas e os sentidos de ser mulher.....	23
1.1 Uma história das bonecas.....	23
1.2 Brinquedo, educação e socialização de gênero.....	51
1.2.1 Relação infância – fase adulta da perspectiva de gênero feminino.....	51
1.2.2 Contribuição para pensar os sentidos de ser mulher através da relação com a boneca.....	54
2. Relatos sobre o Estágio Docência.....	56
2.1 Oficina de bonecas: trabalho manual, criatividade e autorepresentação	59
2.2 Captação e análise de imagens.....	66
2.3 A boneca como documento.....	72
3. Relatos autobiográficos a partir da oficina de bonecas.....	76
3.1 Relação mulher-boneca e suas práticas educativas e identitárias.....	76
3.2 Loira.....	80
3.2.1 Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?.....	80
3.2.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.....	83
3.2.3 Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).....	86
3.3. Rosa.....	89
3.3.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?.....	89
3.3.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.....	93

3.3.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).....	96
3.4. Emília.....	98
3.4.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?.....	98
3.4.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.....	101
3.4.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).....	103
3.5. Maria.....	105
3.5.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?.....	105
3.5.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.....	109
3.5.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).....	110
3.6. Finalizando.....	112
CONSIDERAÇÕES	114
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

A aprendizagem de gênero é um assunto bastante discutido hoje em dia, não só nos meios acadêmicos, mas em todos os âmbitos da sociedade. A normatização de gênero, as regras e padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade para os indivíduos, homens e mulheres, vêm aos poucos sendo remodelados, desconstruídos, debatidos e questionados.

Desta forma, este trabalho tem como **objetivo** analisar como se dá essa aprendizagem de gênero para um determinado grupo de mulheres, ou seja, como essas na infância e no decorrer de suas vidas aprenderam ou apreenderam um comportamento, uma ideia, uma maneira de ser e estar no mundo se compreendendo como mulher, e como elas entendem o que seja a identidade de mulher. O **foco** principal é como isso veio a ser aprendido com a ajuda e/ou a interferência de um objeto em suas vidas: **a boneca**.

A boneca é aqui entendida como um objeto cultural e lúdico, o qual exerce um papel de ensino e aprendizagem por parte de adultos e crianças sobre como ser menina, sobre como ser mulher. É este tema que abordaremos e analisaremos neste trabalho.

Desta forma, o **problema** é o de procurar entender como se dá a formação/aprendizado da identidade de gênero na relação da mulher com o objeto boneca no período da infância.

De que forma e por que o objeto boneca entra na vida das mulheres? Como se dá essa relação? Como as mulheres se identificam com esse objeto?

O estudo da relação com a boneca deve ser desenvolvido através da **memória**, pois o que deve ser analisado é o processo pelo qual essa relação se deu. As **questões** acima serão respondidas através da análise das narrativas e textos descritivos das mulheres participantes do estudo, confrontando suas falas com as análises bibliográficas e conceitos pertinentes ao **objeto**.

Para toda pesquisa há uma **motivação**, e com isso uma relação do/a pesquisador/a com o tema, ao menos, uma relação de desejo de conhecimento e busca de respostas sobre um assunto pelo qual ele/a se interessa em pesquisar. Quando iniciei minha trajetória acadêmica no ano de 2007 no curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), me

deparei com temas e formas de pesquisa com os quais me identifiquei, como a História Oral e a História Regional. Assim, acabei desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso com esses focos.

Como no mesmo período comecei também a me envolver de forma mais efetiva com as questões feministas, senti o desejo de unir esses três campos (História Oral, Regional e das Mulheres) em um trabalho só. E foi pesquisando sobre o trabalho artesanal de duas mulheres bonequeiras (artesãs que fabricam bonecas) e sobre suas histórias de vida, que escrevi a monografia sobre como essas mulheres fabricavam essas bonecas e a importância cultural e financeira desses artefatos na vida delas.

A boneca nunca foi meu brinquedo preferido, e mesmo tendo oportunidade de tê-la, não era um objeto que me encantava. A primeira vez que me encantei com uma boneca foi numa situação que considero muito singela e acima de tudo simbólica.

Desde que nasci, minha mãe me levava para participar das reuniões de um centro espírita aos sábados, no qual havia uma reunião apenas para idosos e idosas, com palestras, brincadeiras e uma sopa servida no final. Em uma dessas reuniões eu e minha mãe havíamos chegado cedo. Fui para o salão e lá me sentei ao lado de uma senhora já bastante velhinha que levava na mão uma boneca de pano a qual estava costurando. Essas bonecas são conhecidas como bruxinhas e, como nunca tinha visto uma daquelas, minha curiosidade foi despertada.

Eu tinha de 6 a 7 anos e o meu desejo de ter algo como aquela boneca fez com que eu perguntasse a ela o que tinha numa caixa de papelão que estava junto a seus pés. Ela abriu e tirou uma boneca com o cabelo feito de meia calça marrom e disse: “essa se parece com você, é sua”. Aquela boneca representou para mim um gesto de carinho, de afeto e acima de tudo de desprendimento. Como ela poderia me dar algo que ela teve tanto trabalho para fazer? Guardei essa boneca por muito tempo, até ela ser doada pela minha mãe a uma creche. Mesmo longe da boneca, ainda guardo na memória exatamente o jeitinho dela, como também guardo a fisionomia da senhora que me presenteou com ela e a magia daquela tarde de sábado tão especial para mim.

Como na literatura acadêmica há poucos trabalhos que abordem o tema da **aprendizagem de gênero na perspectiva do uso das bonecas no período da infância**, comparando esse aprendizado com o ser mulher na fase adulta, busquei dessa forma, através desta pesquisa, dar prosseguimento ao estudo que havia começado na graduação, novamente relacionando mulheres e bonecas, mas agora em uma nova perspectiva.

Sendo assim, novamente venho unir em minha pesquisa, agora uma dissertação, Relatos Orais e os Estudos de Gênero relacionados à Educação, para entender como, através desses artefatos chamados bonecas, as meninas desenvolvem a ideia de ser mulher (aprendizagem de gênero) e quais outros aprendizados elas podem ter através do artefato, que possam vir a direcionar escolhas nas suas vidas.

Como se trata de um trabalho desenvolvido na área da Educação e dos Estudos Culturais, precisamos entender sua relevância para essa área e essa linha de pesquisa.

Assim, a importância deste trabalho para os Estudos Culturais além de enfocar um objeto cultural presente na infância, é dialogar com os Estudos de Gênero. Segundo Mattelart e Neveu (2004), na obra Introdução aos Estudos Culturais, frequentemente, mesmo nos estudos voltados à cultura popular, não há “como não notar o quanto os personagens e comportamentos analisados pela literatura sobre as subculturas são quase sempre masculinos” (p.69) e isso podemos ver de uma forma geral também na literatura acadêmica mesmo na atualidade.

As pesquisas sobre mulheres e suas vidas vêm aumentando a cada dia, não só trabalhos que falam do outro, das vivências e práticas das mulheres, mas que abrem espaço para que as próprias mulheres possam falar por si, escrever por si e relatar essas vivências que, por mais simples que pareçam, contêm a riqueza dos simbolismos dos mais variados aspectos de suas vidas.

Segundo Michelle Perrot, essa lacuna na história e nos estudos sobre a vida das mulheres pode se dar pelo fato de que a documentação sobre a vida delas, qualquer que seja ela, não era reconhecida como algo importante ao longo da história, dessa forma, os vestígios de suas vidas na historiografia eram

geralmente apagados. Os documentos levados ao patamar de importante eram basicamente sobre os homens. “Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. [...] Todas essas razões explicam que haja uma falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre *a mulher*; mas sobre sua existência concreta e sua história singular” (PERROT, 2007, p.22). E é por esse motivo que escrever sobre histórias de mulheres a partir de suas próprias escritas se torna importante para os Estudos Culturais, visibilizando histórias que possivelmente nunca seriam contadas; ademais porque os Estudos Culturais também têm a competência de abordar novas linguagens para a literatura acadêmica.

Para a área da educação, esta pesquisa se apresenta como importante e relevante no sentido de apresentar outras formas de se aprender e se educar tanto informal como formalmente. Vai abranger não só o tema da aprendizagem e educação de gênero através das bonecas, vendo e pensando as bonecas como um artefato cultural, mas também analisar outras formas de aprendizagem em sala de aula. Toda a pesquisa foi realizada a partir de minha experiência pessoal na prática de Estágio Docência, ou seja, a pesquisa foi realizada com as alunas da turma de Pedagogia onde fiz meu estágio. Em decorrência de ter sido realizada nesse locus, farei um relato detalhado sobre essa experiência de **pesquisação** na área da educação e a dinâmica aplicada em sala de aula no segundo capítulo.

Como esta pesquisa está ancorada na área da Educação, na linha de Estudos Culturais e nos Estudos Gênero, os **conceitos e/ou categorias** presentes nos documentos e que serão analisados são: **Aprendizagem de gênero, Gênero, Identidade, Corpo/corporeidade**. Trata-se de uma **pesquisa qualitativa** que tem como método a **análise de conteúdo**, além da **análise dos documentos primários elaborados na pesquisa**, especificamente para a pesquisa.

Segundo, Andrade, Carvalho e Junqueira, 2009. Gênero, “Implica relação (masculino x feminino), dicotomia, assimetria, desigualdade, polarização e hierarquia. Determina identidades, qualidades e valores desigualmente atribuídos a homens e mulheres, a práticas sociais e a objetos culturais [...] No nível individual, o gênero corresponde a jeitos de ser/parecer. Nas relações sociais, constitui uma estrutura de dominação masculina, baseada na atribuição

de valores diferenciados ao que se denomina masculino em relação ao que se denomina feminino” (p. 18, 19). Desta forma, entendemos que Aprendizagem de gênero, baseia-se no aprendizado dessas atribuições designadas socialmente a homens e mulheres. A Identidade, seria o “Construto pelo qual cada pessoa se reconhece e/ou é reconhecida pelos outros, com base em categorias como etnia, classe social, religião, gênero, sexualidade, sexo e outras características físicas, que agem como “marcadores identitários”. (p. 25). Assim, Corpo/corporeidade, “é o ponto de confluência de experiências físicas, simbólicas e sociológicas e também um substrato de matéria viva dotada de memória, dinamismo e auto-regulação [...] a existência é corporal [...] O corpo não existe em estado natural e sempre será compreendido na trama social de sentidos”. (p. 08).

Como parte do **levantamento bibliográfico**, foi feita uma busca de textos pela internet, que pudessem ajudar no esclarecimento das perguntas, nas páginas de pesquisa acadêmica como: Scielo, Anped, Capes etc. As palavras chave que foram utilizadas para busca são as seguintes: boneca, brinquedo, e brincadeira. Contudo, verifiquei nas buscas apenas os textos onde esses termos (boneca, brinquedo e brincadeira) foram enfocados na perspectiva de gênero ou relacionados ao conceito de gênero, raríssimos a exemplo de Souza (2009) e Vasconcelos (2003).

Além da pesquisa online, foram utilizadas algumas referências apresentadas nas disciplinas da grade curricular oferecidas pelo programa do mestrado e que conversassem com o tema, como também algumas referências indicadas pela orientadora da pesquisa e as professoras convidadas para a banca, que assim o fizeram no momento da qualificação deste trabalho.

Dessa forma, selecionamos **referências principais** para discutir alguns conceitos e outras leituras complementares: para o primeiro capítulo, Sousa e Melo (2009), Vasconcelos (2003), Perrot (2007) e Costa (1992); para a questão biográfica/autobiográfica com foco na narrativa, Bueno (2002), Bauer e Gaskell Cap. 4 (2007), Faria, Demartini e Prado (2002); para discutir o conceito de infância, Cheida (2007); para a análise da memória, Facina e Soihet (2004); para analisar fotografias e falas (terceiro documento), Bauer e Gaskell Cap. 6 (2007); sobre aprendizagem de gênero, Moreno (1999), Carvalho (2008, 2010) e Louro

(1997); para análise sobre a Identidade, Silva (2012) e sobre Corpo/corporeidade, Le Breton (2007).

Sendo assim, apresentamos este trabalho como um tipo de pesquisa empírica e, desta forma, para análise da pergunta norteadora, procuramos desenvolver **documentos primários** com as próprias participantes do grupo pesquisado, ou seja, é um tipo de pesquisa que envolve **relatos biográficos e autobiográficos**, uma **pesquisação/intervenção**, uma vez que o contexto da pesquisa foi criado pela pesquisadora para a produção dos dados/documentos.

A pesquisa em questão teve como **participantes** um grupo de 16 alunas e um aluno do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, grupo no qual eu, como aluna do Mestrado em Educação do PPGE, tive o prazer de realizar o meu Estágio Docência na disciplina Pesquisa Educacional. Com uma disciplina voltada para o tema pesquisa, a facilidade de aplicar a pesquisa da dissertação na prática correlacionando com as atividades de ensino era viável.

Antes de iniciar a captação dos documentos, foi proposta a realização da pesquisa em sala de aula e todas as alunas e aluno concordaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, dando o aval para as análises realizadas com os documentos criados pela turma.

Portanto, aproveitei a oportunidade de ensino para desenvolver com a turma de Pesquisa Educacional as atividades relacionadas à pesquisa da dissertação, tanto por estar em um ambiente educacional por um período de 6 meses, o suficiente para me possibilitar realizar a pesquisa, como pelo fato de que, sendo um grupo predominantemente feminino, elas se encaixavam no perfil de participantes desejadas para a análise da aprendizagem de gênero feminino.

Assim, a pesquisação/intervenção produziu documentos primários, elaborados exclusivamente pelas participantes. A **coleta de documentos** deu-se da seguinte forma:

- A primeira etapa foi a de pedir para que as alunas escrevessem um texto descritivo sobre o tema: “Como eu me sinto como mulher”, para que esse fosse posteriormente confrontado com mais outros dois documentos também realizados por elas. O tema/título dessa escrita

teve como intenção captar mesmo antes da problematização de gênero em sala de aula, a visão delas sobre elas mesmas como mulheres já adultas. Elas escreveriam o que tivessem vontade, para que através de uma escrita livre houvesse maior possibilidade de entender o que elas compreendiam sobre o que é ser mulher e como elas se sentem dessa forma.

- O segundo documento pedido para que as alunas elaborassem foi também um texto, dessa vez narrativo, que tratasse de uma memória da infância, cujo tema se intitula: “Minha primeira boneca”. Esse tema já se apresenta como um texto especificamente direcionado à pergunta central da pesquisa, que é relacionar a aprendizagem de gênero feminino a partir do objeto cultural/lúdico boneca. O objetivo foi fazer com que as alunas, através da memória, retomassem sua infância e a relação com suas primeiras bonecas e assim se pudesse observar que tipo de aprendizado tiveram a partir desse objeto e qual aprendizado levaram para a vida adulta.
- O terceiro documento foi elaborado através de uma oficina de bonecas realizada com a turma de Pedagogia em 20 de novembro de 2014. Para a oficina de bonecas foram previamente confeccionados corpinhos beges (simbolizando a cor branca), corpinhos marrom claro (simbolizando a cor parda) e corpinhos marrom escuro (simbolizando a cor negra), para que a partir deste primeiro objeto fossem criadas as “imagens” das bonecas. O material utilizado, além dos corpinhos feitos em tecido de feltro, foram retalhos de tecido e materiais de aviação diversos. Cada uma delas elaborou uma imagem para a sua boneca (roupa, cor do cabelo, cor dos olhos etc.). O objetivo era explicar por que escolheu o corpo da boneca de determinada cor, porque elaborou a boneca daquela forma e, conseqüentemente, dar um nome à boneca. Ao final, elas relatariam como foi a experiência de participar da oficina.

Assim, as participantes teriam que criar uma boneca com uma aparência que representasse a si, com características físicas que elas achassem interessante evidenciar através da boneca e, por fim, nomeá-la. Ao término da oficina as participantes apresentariam sua boneca explicando o porquê de as

terem feito de determinada forma e porque escolheram determinado nome para ela, ou seja, o que aquela boneca representava para cada uma.

O objetivo da oficina foi o de refletir sobre a socialização de gênero “feminina” através do artefato boneca e de relatos orais, portanto, memórias da infância de brinquedos, brincadeiras, de pessoas, de afetos. No contexto realizado, a atividade da oficina de bonecas foi importante não só para a coleta de dados, mas também como um espaço de formação docente, mostrando para as alunas que através do lúdico e do trabalho manual também há aprendizado e troca de experiências entre as pessoas, com fins de reflexão.

Este terceiro documento, por se tratar de uma oficina, espaço de elaboração manual do documento/boneca, foi filmado e a filmagem se conclui com a apresentação das bonecas pelas estudantes. Ao final da oficina, as bonecas foram também fotografadas para que os aspectos visuais das mesmas fossem analisados.

Como já foi dito, os dois primeiros textos são escritos, um texto descritivo e outro narrativo, a serem analisados como textos biográficos e autobiográficos, portanto possibilitando a análise de uma escrita de si e a análise de uma memória.

O terceiro documento foi apreendido para a pesquisa através de filmagem e fotos, tendo desta forma de ser analisado através desses instrumentos audiovisuais.

Assim, os capítulos da dissertação estão estruturados da seguinte forma:

O primeiro capítulo se intitula: “Bonecas e os sentidos de ser mulher” e apresenta:

- “Uma história das bonecas”, que trata sobre:
 - ✓ A construção cultural da boneca e as figurações do feminino (A boneca como artefato de normatização do corpo feminino);
 - ✓ A memória social e cultural da boneca.
- Brinquedo, educação e socialização de gênero, enfocando:
 - ✓ A relação infância–fase adulta da perspectiva de gênero (relação entre identidade, brinquedo, memória e aprendizagem de gênero);

- ✓ A contribuição para pensar os sentidos de ser mulher através da relação com a boneca.

Portanto, o objetivo do primeiro capítulo é o de escrever uma breve história das bonecas através do tempo, mostrando que esse artefato sempre fez parte da vida das mulheres com múltiplos significados e simbolizações, como também o de relacionar este artefato a uma educação e uma aprendizagem social do gênero feminino.

O segundo capítulo, intitulado: “Relatos sobre o Estágio Docência”, aborda:

- A experiência docente da pesquisadora; e
- A importância da oficina de bonecas.

E, por último, o terceiro capítulo, intitulado: “Abordagem de pesquisa: relatos autobiográficos e oficina de bonecas”, discute:

- ✓ A relação mulher-brinquedo (ato educacional);
- ✓ Práticas educativas e identitárias a partir do brinquedo boneca;
- ✓ Autobiografia nas memórias construídas dos sentidos de si a partir das bonecas;
- ✓ Análise dos relatos orais da apresentação das bonecas (análise do vídeo), como também da boneca construída.

Sendo assim, o objetivo deste terceiro capítulo é o de elaborar uma análise sobre o aprendizado de gênero através das brincadeiras e das relações das participantes com suas bonecas. E, por fim, fazer uma abordagem de pesquisa analisando os relatos autobiográficos das alunas e suas participações e elaborações na oficina de bonecas.

Dentre as 16 alunas participantes da pesquisa, foram analisados os documentos de apenas 4 delas. Os motivos desta seleção foram os seguintes: as participantes deveriam: (a) ser assíduas nas aulas, buscando assim compreender toda a dinâmica das atividades e o desenrolar da pesquisa; (b) ter participado da elaboração dos 3 documentos referentes à pesquisa; e, o principal, (c) ter compreendido que os 3 documentos deveriam conversar entre si, relacionando-se e complementando-se.

Em conclusão, foram apresentadas algumas considerações sobre a motivação, estrutura da dissertação, aporte teórico e metodologia de pesquisa. Assim, reforço a importância desta pesquisa para acrescentar à literatura acadêmica mais um trabalho sobre a história das mulheres de forma significativa e relevante.

1. Bonecas e os sentidos de ser mulher

Para entendermos melhor o porquê do uso de bonecas como aporte para o objeto de análise, é interessante considerar como esse artefato cultural tem um poder simbólico e representativo na vida das mulheres desde tempos remotos e a importância de se analisar a relação da aprendizagem de gênero feminino com a boneca.

1.1 Uma história das bonecas

A bibliografia existente sobre a história das bonecas é rara e não acadêmica, dessa forma, para que pudéssemos abordar este tema, mesmo que de forma rápida em nosso trabalho, nos ancoramos em textos encontrados em revistas e sites que nos propiciassem elaborar o nosso próprio texto sobre a história das bonecas. Sendo assim, nossa escrita se apresenta como uma bricolagem e até mesmo em alguns momentos como uma paráfrase de todos os outros que reunimos em nossa pesquisa. Como diria Michelle Perrot:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. [...] A destruição dos vestígios também ocorre, sendo social e sexualmente seletiva. (PERROT, 2007, p. 21).

A partir dessa fala, compreendemos a dificuldade de se encontrar uma história de um artefato comumente ligado à vida das mulheres e das crianças desde tempos remotos. Mas, apesar de poucas informações obtidas, buscamos remontar uma trajetória desse artefato. Para que não haja dúvida sobre as informações colocadas a seguir, em nossa bibliografia encontram-se os links de todos os sites pesquisados, para fins de verificação. Eles foram visitados por diversas vezes no decorrer da pesquisa, mas para que houvesse certificação na revisão final, todos eles foram revisitados novamente na data de 18/01/2016.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo não só o de escrever uma breve história das bonecas ao longo do tempo, mas o de relacionar essa história à questão figurativa. Ou seja, como as mulheres se viam e se veem no decorrer

da história? Como elas se representavam e se representam ou as representam? E como essas imagens, esses artefatos, podem contar e evidenciar para nós a construção da autoimagem e o aprendizado de gênero?

Para iniciarmos nossas discussões, o que de fato significa a palavra boneca? No dicionário há algumas definições bastante interessantes e que conversam de forma bem propícia com a nossa análise. Como se pode observar no exemplo a seguir, frequentemente é associada à boneca a representação de um ser humano, geralmente em formato feminino e feita para o sexo feminino, objeto inanimado e geralmente enfeitado.

Boneca. bo.ne.ca **sf** (**voc pré-romano**) **1** Brinquedo de criança, especialmente de menina, que representa, geralmente em ponto pequeno, um ser humano, quase sempre uma criança, feito de massa de papel, celuloide, pano, louça etc. **2** Mulher bela. **3** Mulher muito enfeitada e pouco animada. (...) **5** Espiga de milho antes de granar. (...). **9 Folc** Figura com a qual se representa uma criatura humana e que é usada na magia simpática; o que se lhe fizer aparecerá no corpo da pessoa representada. (...) **13 pop** Travesti masculino. (Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>).

Antes de tudo, precisamos entender o que significa essa representação, ou, em outras palavras, essa figuração ou arte figurativa em relação às bonecas para que possamos entender qual o significado identitário destas nas sociedades, na vida e educação das mulheres ao longo da história.

A figuração ou arte figurativa vem a ser então a forma como as pessoas, artistas ou não, representam seres ou coisas reais, como por exemplo objetos, elementos da natureza e o próprio ser humano.

O conceito de figuração distingue-se de muitos outros conceitos teóricos da sociologia por incluir expressamente os seres humanos em sua formação [...] Há figurações de estrelas, assim como de plantas e de animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. (ELIAS, 2006, p. 25).

Ou seja, seria a arte que, ao ser vista, suas formas facilmente seriam reconhecidas por aqueles que as veem, como no caso das bonecas. Ao vê-las entendemos que são representações de mulheres. A questão da figuração está

completamente ligada aos símbolos e neste caso a boneca representa como símbolo figurativo o ser mulher.

A arte figurativa vem apresentar temas do mundo exterior, ou seja, ao contrário da arte abstrata, essa arte não apresenta sentimentos ou emoções, seria a representação de algo tal qual como sua imagem nos aparece. Mas o que queremos questionar é se essa arte figurativa não teria algo de abstrato, já que o abstrato representaria emoções. Será que a arte figurativa também não apresenta sua parcela de representação de sentimentos e emoções?

Se a arte figurativa é um tipo de ilusão do real para quem a vê, talvez quem a produz esteja simbolicamente procurando transmitir um desejo de criação deste real, e nesse desejo compreendemos que estados emocionais também são expressos. Nobeit Elias (2006), no primeiro capítulo de seu livro: “Escritos e ensaios”, discute o conceito de figuração. Mas figuração no sentido que Elias apresenta se baseia na concepção de integração, ou seja, no caso dos seres humanos, estes se integram em figurações sociais, familiares, aldeias, por exemplo. Para que isto aconteça (a socialização entre seres humanos) é necessário ter acesso à linguagem, linguagem esta que pode ser expressa por conhecimentos de determinado grupo ou símbolos socialmente aprendidos. Desta forma, Elias afirma que: “Um ser humano adulto, que não teve acesso aos símbolos da língua e do conhecimento de determinado grupo humano permanece fora de todas as figurações humanas e, portanto, não é propriamente um ser humano” (ELIAS, 2006, p. 25).

Assim, entendemos que as formas de escrita (inclusive pré-históricas), e as elaborações manuais em tempos paleolíticos fazem parte dessa linguagem simbólica, capaz de unir as pessoas e fazer com que elas estabelecessem conhecimentos e transmitissem-nos através das gerações. Desta forma, a arte figurativa ou elementos figurativos desde tempos remotos são objetos que transmitem não só conhecimento sobre uma determinada época da humanidade, mas transmitem idealizações, emoções, sentimentos e ideia de criação.

Mas, onde se encontra o início da criação das bonecas? Versões religiosas e históricas circundam esta pergunta na tentativa de respondê-la. Na sociedade ocidental e primordialmente cristã, encontramos na Bíblia um relato

no livro Gênesis sobre a formação/criação do homem e da mulher: “A formação do homem (...) Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (BÍBLIA, Gênesis, 2.7, p. 3).

Sucinta e objetiva é a formação do homem, que tem como tarefa cuidar de tudo o que Deus criou, nomear os animais e o principal: ser à imagem e semelhança de Deus. E é nesse trecho que vemos o primeiro relato de um processo de figuração.

Vejamos o trecho da formação da mulher para que assim continuemos a nossa análise:

A formação da mulher. Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. [...] para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem transformou-a numa mulher e lha trouxe. (BÍBLIA, Gênesis, 2.18, 20, 21, 22, p.4).

Diferente de toda a sua criação, Deus moldou o homem e a mulher à mão, mas há diferença na concepção de ambos. O homem Deus fez a partir do barro e, o mais importante, deu-lhe o fôlego da vida. Já a mulher, Deus a fez de uma das costelas do homem (de osso) e transformou-a numa mulher, mas como essa mulher veio à vida não se diz; ao contrário do homem, não se diz que ela recebeu o fôlego, apenas que, após ser feita, Deus a trouxe para o homem.

Homem e mulher segundo o relato bíblico teriam sido feitos de materiais diferentes, mas o que é curioso é a função exercida por cada um. O homem tomaria conta de tudo o que Deus criou e a mulher seria uma auxiliadora idônea deste homem. Mas o que vem ser alguém idôneo? “**Idôneo**. i.dô.neo *adj* (*lat idoneu*) **1** Próprio para alguma coisa. **2** Apto, capaz, competente. **3** Adequado.” (Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>).

Portanto, segundo o dicionário, é alguém capaz de algo, apto para um serviço, ou seja, a mulher foi feita para servir ao homem, não como uma companheira, mas como uma auxiliadora, papel que cabe bem a uma boneca em determinadas situações, principalmente em algumas civilizações antigas.

A mulher no relato bíblico seria a primeira figura feminina, figura essa que até então não representava ninguém. Com um Deus masculino, sua figuração, imagem e semelhança, também era um ser do sexo masculino.

Onde encontramos então a primeira figuração da imagem feminina na história? Apesar da dificuldade em se encontrar algo relacionado ao feminino em períodos mais remotos, aos poucos, vestígios importantes vão sendo achados, pois apesar da escassez, elas, as mulheres “são descritas, representadas, desde o princípio dos tempos, nas grutas da pré-história, onde a descoberta de novos vestígios das mulheres é uma constante, e chegando à atualidade nas revistas e nas peças publicitárias contemporâneas” (PERROT, 2007, p. 24).

Então, de acordo com a revista Nature, datada de Maio de 2009, a estatueta de cerca de 6 centímetros intitulada Vênus de Hohle Fels, é a mais antiga expressão de “arte figurativa” já encontrada, datada em cerca de 35 a 40 mil anos.



Vênus de Hohle Fels (foto: H. Jensen/ Universidade de Tübingen, Alemanha).

Fonte: <http://www.nature.com/nature/journal/v459/n7244/full/nature07995.html>

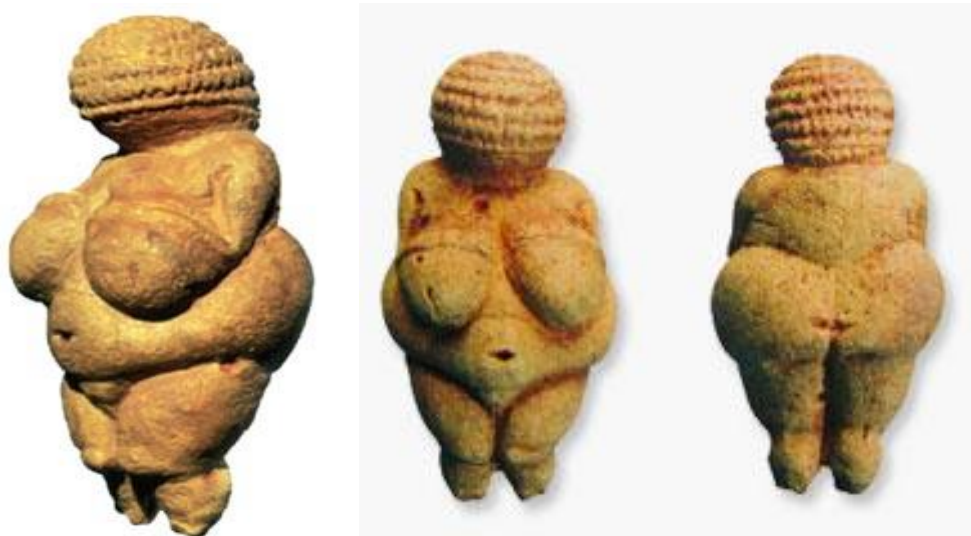
A estatueta recebeu esse nome por ter sido encontrada na caverna de Hohle Fels, situada no sudoeste da Alemanha, na região da Suábia. A descoberta foi feita no ano de 2008 pelo pesquisador e arqueólogo Nicholas Conard, da Universidade de Tübingen (Alemanha). A escultura estava dividida em seis fragmentos, e teria sido encontrada numa área de aproximadamente um metro quadrado apenas. A peça em si pesa 33 gramas. Feita em marfim, agora faz parte de uma coleção de 24 outras pequenas esculturas já encontradas na região da Suábia.

O que chama a atenção dos pesquisadores não é apenas a possibilidade desta peça ter sido feita em um período tão remoto como foi o paleolítico e feita com tantos detalhes minuciosos, mas também as formas representadas destas estatuetas femininas. As estatuetas são dotadas de seios muito fartos (que estão sendo segurados pelas mãos, no caso da estatueta mencionada) abdômen e quadris largos e um órgão sexual bastante avantajado, inclusive com os detalhes dos grandes e pequenos lábios.

Essa peça em questão tem outra grande curiosidade, uma característica muito interessante, que é o fato da ausência da cabeça. No lugar existe uma espécie de argola, um pequeno anel que sugere que esta pode ter servido como o que chamamos de pingente. Ou seja, a peça pode ter sido um objeto portátil, algum tipo de enfeite ou de amuleto a ser carregado.

Conard, o descobridor desta estatueta, explica que essas características corporais são frequentemente encontradas em peças como estas (figuras femininas pré-históricas) com uma datação mais recente, em que os órgãos sexuais e seios são representados com exagero e as pernas e braços geralmente achatados.

Nas imagens a seguir podemos ver outro exemplo de Vênus pré-histórica, encontrada na Áustria e datada de cerca de 28 mil anos: a Vênus de Willendorf.



Vênus de Willendorf, encontrada na Áustria e datada de cerca de 28 mil anos atrás (foto: Bridgeman Art Library).

Fonte: <http://www.istor.org/discover/10.2307/682890?sid=21106172782613&uid=4&uid=2>

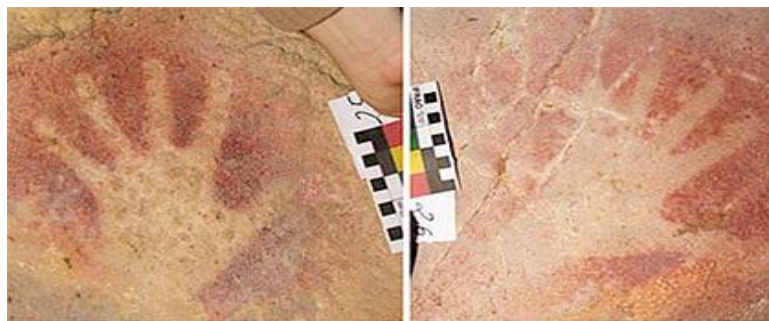
Esta imagem é mais conhecida por ter sido considerada por anos a Vênus mais antiga, antes do achado da Vênus de Hohle Fels. Contendo características bastante parecidas, também tem seios muito fartos e seus braços estão apoiados em cima dos seios, barriga e glúteos avantajados e uma vulva esculpida com detalhes. Ao contrário da Vênus de Hohle Fels, a Vênus de Willendorf tem cabeça, mas sem rosto definido.

Uma questão intrigante seria tentar entender qual a função de um objeto como estes, algo de uma cultura tão distante e desaparecida. Não é tarefa fácil. A especulação mais frequente é a de assimilar essas estatuetas a símbolos de fertilidade, sagrado feminino, amuleto... O que é certo é que estas estatuetas são elementos figurativos. Mas, feitas por quem?

Quando falamos em expressão artística ou comunicação feita pelos homens das cavernas, sempre utilizamos o gênero masculino pra definir as pessoas desta época, e foi assim que presumidamente sempre se acreditou que os homens teriam feito as pinturas e esculturas da idade da pedra. Desta forma, assimilou-se uma ideia sexualizada das Vênus por estas apresentarem órgãos sexuais avantajados. Mas na realidade, pesquisas recentes como a da revista *JSTOR: American Anthropologist*, como veremos a seguir, mostram que a maioria das pinturas realizadas nas cavernas eram feitas por mulheres, assim

como as estatuetas de Vênus também eram feitas por elas. Ou seja, estas peças figurativas seriam como autorretratos das mulheres pré-históricas.

Mas como chegar a essa conclusão? Segundo artigo publicado na revista JSTOR: *American Anthropologist*, intitulado: “Toward Decolonizing Gender female vision in the upper paleolithic”, na antiguidade, em média, as mãos femininas tinham o dedo anelar menor que o indicador (ao contrário dos homens). Sendo assim, aplicando essa regra às digitais deixadas nas pinturas e marcas de mão encontradas nas cavernas, os cientistas concluíram que aproximadamente três quartos delas eram femininas.



Fonte: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/682890?sid=21106172782613&uid=4&uid=2>

Partindo desta informação, arqueólogas mulheres começaram a analisar e estudar as estatuetas de Vênus na perspectiva de uma criação feminina. Perceberam que as figuras pareciam curiosamente familiares quando vistas de um determinado ângulo, ou seja, de cima para baixo. Isso quer dizer que as estátuas seriam representações de mulheres, particularmente grávidas. Elas esculpam basicamente aquilo que viam delas próprias enquanto olhavam seus corpos (seios, barriga e vagina), sem representarem seus rostos.

O fato mais inacreditável, na verdade, é a questão dos cientistas terem demorado tanto a considerar que essas estatuetas seriam autorretratos feitos por mulheres, representações de seus próprios corpos em períodos diferentes de gestação. Como na maioria das vezes as imagens das mulheres está relacionada ao fazer dos homens, Perrot argumenta que ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito de si, como elas se viam ou se sentiam e o que pensavam, viam e sentiam a respeito de outras mulheres.

Assim, tal consideração seria plausível, pensando do ponto de vista dessas mulheres: veem seus corpos se transformando tão depressa era algo espetacular e curioso, fato conseqüentemente interessante de ser retratado por elas, tanto através das pinturas nas paredes, quanto através das estátuas esculpidas.

Que é possível que estes objetos sejam auto representações, disso não se tem dúvida, mas não podemos descartar a possibilidade desses objetos terem outro objetivo e também serem outro tipo de representação. Dentre os objetos figurativos de humanos na antiguidade, os encontrados no Egito Antigo, Roma e Grécia são os que mais deixam dúvida sobre suas funções. Enfeites? Amuletos religiosos? Personificação humana? Brinquedos? Ou esses objetos de uma forma ou de outra teriam todas essas funções?

Diferente das estátuas encontradas no paleolítico, as encontradas nas civilizações antigas apresentam corpos mais magros, como também as feições do rosto. Os materiais utilizados variam entre marfim, madeira, argila e barro.

As bonecas encontradas no Egito Antigo são mais antigas e datadas entre 3.000 a 2.500 anos a.C. Apresentam formas de mulheres adultas (ou adolescentes). Mesmo alguns estudiosos apontando que estas já tinham função de brinquedo destinado às meninas, suas formas não são infantis (como uma amiga de sua idade, por exemplo) deixando a dúvida relativa a sua função.

O que se sabe sobre a relação dessas estatuetas com crianças ou adolescentes é que juntas elas foram encontradas em grande número nos túmulos. Eram chamadas bonecas de remo ou Ushtbs e tinham como objetivo no Egito Antigo acompanhar essas pessoas ao mundo dos mortos, acredita-se que substituindo parentes, escravos, damas de companhia, para que estas lhe servissem na outra vida. Elas geralmente eram produzidas pelos próprios escravos e dadas de presente aos seus senhores e senhoras, evitando assim o costume de também serem enterrados (mesmo vivos) junto a essas pessoas quando de suas mortes. As bonecas então faziam um papel substitutivo. Assim, elas eram feitas em larga escala. Na localidade de Kahun foi encontrado aquilo que se julga ser o primeiro atelier de criação de bonecas.

Na imagem seguinte, se vê que elas carregam características físicas do povo egípcio, como os cabelos esculpidos, por exemplo, e traços do rosto bem detalhados.

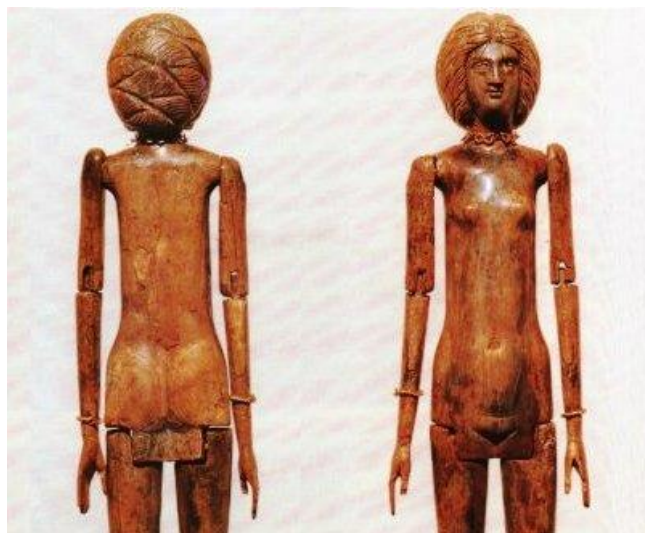


Fonte: <http://www.fascinioegito.sh06.com/jogos.htm>

Esta mesma característica foi encontrada em Roma e Grécia Antigas, onde muitas bonecas foram encontradas nos túmulos de suas donas, geralmente meninas em idade entre a infância e adolescência. Acredita-se que nessas civilizações, principalmente na Grécia, o brincar de bonecas na verdade era uma atividade mais relacionada a rituais de fecundidade e possuía um valor sagrado.

Algumas dessas bonecas eram bem mais elaboradas, com até mesmo articulações. Cabelos bem detalhados, ornamentos esculpidos e os corpos contendo características adolescentes (magras e seios pequenos). Algumas encontradas apresentavam roupas e cabelos humanos, fazendo com que tivessem características humanas mais reais. Com algumas bonecas, além de terem roupas e cabelos humanos, foram encontrados enxovais e até mesmo joias.

A seguir, a imagem de uma boneca grega com membros articulados:



Fonte: [HTTP://LOUNGE.OBVIOUSMAG.ORG/DONA_EFEMERA_E_DONA_PERPETUA/2013/03/AS-BONECAS-NA-ANTIGUIDADE-OU-NEM-A-MORTE-NOS-SEPARA.HTML](http://LOUNGE.OBVIOUSMAG.ORG/DONA_EFEMERA_E_DONA_PERPETUA/2013/03/AS-BONECAS-NA-ANTIGUIDADE-OU-NEM-A-MORTE-NOS-SEPARA.HTML)

Nesta imagem podemos ver os detalhes do cabelo, um rosto apresentando traços delicados, um colar e pulseiras em ambos os braços esculpidos na própria peça, seios pequenos e no lugar da vagina um triângulo esculpido.

Já em Roma, uma peça extremamente parecida, Crepereia Tryphaena, foi encontrada no sarcófago de sua dona (uma criança), durante a construção do Tribunal de Roma, em 1889. Feita em marfim e com membros articulados, suas características corporais também incluem um rosto delicado, cabelos bem detalhados, magra e seios pequenos.



Crepereia Tryphaena, que data do século II d.C. Roma, 23cm.

Fonte: [HTTP://LOUNGE.OBVIOUSMAG.ORG/DONA_EFEMERA_E_DONA_PERPETUA/2013/03/AS-BONECAS-NA-ANTIGUIDADE-OU-NEM-A-MORTE-NOS-SEPARA.HTML](http://LOUNGE.OBVIOUSMAG.ORG/DONA_EFEMERA_E_DONA_PERPETUA/2013/03/AS-BONECAS-NA-ANTIGUIDADE-OU-NEM-A-MORTE-NOS-SEPARA.HTML)

Como foi dito, as bonecas para as meninas gregas e romanas serviam como símbolo de fertilidade, pois só quando se era solteira é que se podia ter uma boneca. Quando as jovens iam se casar, na véspera da cerimônia de casamento, elas se desfaziam de suas bonecas dando início à vida de adulta. O ritual consistia em oferecer a boneca no altar de sua deusa preferida, geralmente a Afrodite (Vênus), a deusa do amor, pedindo assim proteção e sorte. Como a boneca só se separava de sua dona quando ela se casava, quando a menina morria jovem ou solteira, as bonecas as acompanhavam na viagem a outra vida e é por esse motivo que a maior parte das bonecas encontradas na antiguidade estavam nos túmulos com suas donas.

Foram também encontradas bonecas feitas de diferentes materiais, inclusive bonecas feitas de tecidos e cheias de grãos, servindo não só como acompanhantes de suas donas, mas também servindo a rituais religiosos, mantendo assim essa ambiguidade de brinquedo e objeto sagrado.

Tanto nos períodos apresentados, como até nos dias de hoje, esses objetos mantêm uma relação com as questões da espiritualidade. Várias religiões e sociedades as usa(ram) em rituais, voduns, feitiços e muitos acreditam que estas são impregnadas de alguma parcela de vida ou que assimilam energias, tanto de quem as criou como também são capazes de direcionar energias de diferentes formas a quem as recebe.

Sendo assim, as bonecas nem sempre foram destinadas às crianças, mas sim manipuladas pelos adultos, como, por exemplo, sacerdotes religiosos, curandeiros e bruxas. Carregadas de misticismo e crenças a seu respeito, assim como as bruxas e tudo o que envolvia uma crença religiosa diferente da cristã, as bonecas na Idade Média também foram queimadas nas fogueiras e a sua existência nesse período chegou praticamente a ser anulada.

As bonecas não tinham apenas esse caráter místico, mas também serviam ao lúdico, comunicativo, expressivo e informativo, no entanto, acabaram sendo condenadas. Os elementos que foram salvos nesse período foram os elementos do presépio, incentivados por São Francisco de Assis (representando

a figura da sagrada família e o nascimento de Jesus), como também as marionetes, teatro de bonecos que tinham como objetivo divertir as pessoas, ensinando as parábolas e falando sobre a vida de Jesus. Sendo assim, os/as bonecos/as deixaram também de fazer parte do universo infantil, fazendo parte restrita da vida dos adultos.

As bonecas (figuras femininas) só voltaram a ter visibilidade novamente entre os séculos XIV e XV, principalmente nos países da Europa, como a Alemanha, França e a capital, Paris, bonecas essas conhecidas como Pandoras. Nesse período já havia fábrica de bonecas tanto na Alemanha (como objetos comerciais) como em Paris (onde aspectos das mulheres locais eram reproduzidos).

As Pandoras eram bonecas feitas em madeira, modelos que lembram muito as bonecas gregas e romanas por serem geralmente articuladas. Mas também podiam ter a estrutura do corpo em metal, com a cabeça feita em outro material. A sua função era serem enviadas às cortes com criações de estilistas para que os modelos de vestidos pudessem ser escolhidos. Mas essas bonecas eram feitas com tantos detalhes e se apresentavam tão belas que logo começaram a ser confeccionadas como forma de presente, entre os nobres.

Elas eram tão minuciosamente confeccionadas que poderiam ser consideradas verdadeiras obras de arte. Mas foi no século XVIII que elas realmente se tornaram comuns nos meios abastados, ou seja, a confecção delas aumentou com o mercado da moda e elas começaram a circular na Europa de forma muito frequente.

Os materiais utilizados para sua confecção muito variados, desde o corpo às vestimentas. O corpo, como já foi dito, normalmente era feito de madeira, mas havia as bonecas em que o torso era feito de madeira ou outro material e a cabeça, as mãos e os pés de gesso, papel machê e principalmente cerâmica. Todas elas eram confeccionadas à mão, parte por parte e depois montadas.



Anatomia de uma Pandora, 1700-1720. Museu da Infância de Londres.

Fonte: <http://diariosanacronicos.com/blog/pandora-dolls-as-tataravos-legais-da-barbie/>

Os detalhes e as minúcias na elaboração de cada uma chamam a atenção. Elas tinham a cintura muito fina e a pele muito branca, tinham os rostos delicadamente pintados e maquiados à mão. Outras, apresentavam também olhos de vidro esculpido, deixando o olhar mais real. Os cabelos, quando não feitos do próprio cabelo humano, eram feitos de crinas de cavalo; havia cabelos fixos, mas também perucas móveis, possíveis de serem trocadas. No princípio eram em tamanho natural, como o de um manequim de loja atual, mas para facilitar o traslado delas e para que o número de modelos de roupas, sapatos, cabelos e joias pudesse ser maior, elas diminuíram de tamanho e aumentaram em quantidade.

Através dessas bonecas, os grandes ateliês de moda em Paris enviavam seus trabalhos para toda a Europa e principalmente para o interior da França, com amostras de tudo o que estava sendo usado naquele período.



“The Old Pretender” é uma das joias do acervo do Museu da Infância de Londres. Data de 1680, ela acompanha todos os acessórios necessários a uma dama do período e é uma das raras peças preservadas da época.

Entalhada em madeira e recoberta com gesso, tem 53 cm de altura.

Fonte: <http://diariosanacronicos.com/blog/pandora-dolls-as-tataravos-legais-da-barbie/>

Essas bonecas escreveram uma página bastante interessante sobre o comportamento feminino do século XVIII, ligado à vida social, cultural e econômica. Evidenciam os valores e competências esperados das mulheres na forma de vestimenta, como mulheres bem vestidas e ornamentadas, exaltando assim o ideal de beleza e poder vigente no período. A seguir, apresentam-se dois modelos de bonecas Pandora feitas na Alemanha. A primeira tem o corpo em madeira e cabeça de porcelana.



Pandora alemã de 1810. Acervo desconhecido.

Fonte: <http://diariosanacronicos.com/blog/pandora-dolls-as-tataravos-legais-da-barbie/>

O segundo exemplar alemão é bem mais elaborado, tem os olhos de vidro e uma peruca de cabelo humano estilizada ao gosto do período. Seu vestido é de seda e ela vem acompanhada de chemise, corset, meias, chapéu e até mesmo de um lencinho de renda, uma boneca com enxoval completo, um acervo rico que mostra os detalhes de toda uma vestimenta feminina desse período histórico.



Feita toda em cera, boneca alemã de 1835. Acervo do Museu da Infância de Londres.

Fonte: <http://diariosanacronicos.com/blog/pandora-dolls-as-tataravos-legais-da-barbie/>

Assim como era chique estar na moda copiando as vestimentas das bonecas e seus acessórios, também tornou-se moda possuir essas bonecas. Embora as bonecas inicialmente tivessem apenas o objetivo de serem modelos para as mulheres adultas, inevitavelmente após cumprir o seu papel elas eram destinadas às crianças, servindo assim de brinquedos. Deve ser por esse motivo que há tão poucos exemplares nos museus em contraponto ao grande número delas que foram criadas. Ao se tornarem brinquedo, com uso cotidiano e as brincadeiras, elas acabaram não sendo tão preservadas.

Dois fatores muito importantes foram imprescindíveis para que a fabricação de bonecas continuasse e tomasse novos rumos. Primeiro, a taxa de mortalidade infantil diminuiu na Europa devido aos novos hábitos de higiene e o avanço da medicina, formando assim um público certo para a venda de bonecas; e, segundo, a Revolução Industrial.

As bonecas até então eram feitas manualmente por artesãos em seus ateliês. Com a Revolução Industrial, novos materiais e novas formas de se fabricar as bonecas chegaram às mãos de seus criadores. Paris ficou conhecida como a cidade dos brinquedos. Começava a era de ouro das bonecas.

No período, educadores e filósofos incentivavam as famílias a presentear as crianças com bonecas, para um bom desenvolvimento da educação dessas. Foi dessa forma que as crianças da classe média começaram a ter maior acesso a esses objetos, agora caracterizados como brinquedos e fabricados em larga escala.

O desejo de deixá-las cada vez mais belas e com traços quase humanos levou a indústria das bonecas a cada vez mais se especializar na construção das cabeças com os melhores materiais: porcelana e biscuit, substituindo assim as cabeças que antes eram feitas de madeira, gesso, papel machê ou cera, materiais que rachavam com o tempo, fazendo com que as bonecas ficassem com falhas nos rostos.

O século seguinte, XIX, foi marcado pela disputa na fabricação das melhores bonecas e algumas famílias se sobressaíram nesse ramo, ligando

seus nomes às bonecas produzidas por elas. As mais conhecidas entre as famílias francesas eram a Bru, Shimidt, Fils e, a mais conceituada, a Jumeau. Sinônimo de boneca na época, a família Jumeau começou a fabricar suas bonecas com cabeça de papel machê, mas logo descobriu o segredo da porcelana chinesa, elaborando as cabeças com esse material e vestindo as bonecas graciosamente.

Os alemães também ganharam notoriedade na fabricação de bonecas no período, por desenvolverem a arte de fabricar as cabeças em biscuit, outro material bastante refinado que proporcionava às bonecas uma perfeita imitação da “pele”, reproduzindo vivacidade e naturalidade. Mas em termos de padrão de beleza conceituado no século XIX ninguém ganhava das bonecas francesas, objeto de desejo de colecionadores até hoje.

Abaixo a diferença entre um rosto de boneca feito em porcelana (com mais brilho) e outro feito em biscuit:



Porcelana / Biscuit

Fonte: <https://museudosbrinquedos.wordpress.com/2010/09/12/808/>

A família Jumeau esteve na frente dos fabricantes de boneca em sentido de perfeição por pelo menos duas ou três gerações. Além da porcelana, fabricavam bonecas também em biscuit e cera, essa última relativamente mais barata. O que garantia a perfeição das bonecas era a modelagem dos rostos e o uso de olhos de vidro bastante expressivos.

Madame Jumeau era a responsável pelas indumentárias e o corte das roupas das bonecas. Mas o auge da empresa foi quando lançaram a boneca bebê (bebê Jumeau). Emile Louis Jumeau, filho de Madame Jumeau, foi quem

lançou a boneca que ficou reconhecida internacionalmente. Abaixo, a imagem de uma das bonecas fabricada pela família:



Boneca Jumeau.

Fonte: <https://uk.pinterest.com/pin/453878468673171299/>

Com a industrialização e a crescente concorrência das indústrias de bonecas, a cada dia, inovar cada vez mais fazia parte do processo de se manter no mercado. No mesmo período começou-se construir bonecas autômatos. Curiosamente quem as fabricavam eram famosos relojoeiros que construíam e manipulavam mecanismos sofisticados dentro das bonecas para que assim essas pudessem exercer várias atividades, como dançar, escrever, mexer os membros e olhos, tocar instrumentos e até mesmo emitir sons.

Essas bonecas fizeram grande sucesso, sendo até mesmo prestigiadas por plateias que iam assistir às suas exibições, como se fossem verdadeiras artistas. Um exemplo simples de autômatos são as famosas caixinhas de música, em que uma pequena boneca bailarina ao som da música dança em cima da caixa. Apesar de muito populares em determinado período, as caixinhas de música no século XVIII e XIX eram extremamente caras e pouco acessíveis às pessoas, principalmente às crianças.



Caixinha de música.

Fonte: <https://museudosbrinquedos.wordpress.com/tag/caixinha-de-musica/>

Os autômatos eram na verdade um sonho das indústrias de superação na criação das bonecas, mas também representavam o desejo de transpor para esse objeto as características humanas mais encantadoras e simples: o ato de se movimentar e agir sozinhas.



1892 – Bébé Phonographe de Jumeau. Boneca que cantava e falava, tinha um vocabulário de 75 palavras.

Fonte: <http://www.getdomainvids.com/keyword/jumeau%20bebe/>

Os bonecos mecânicos tinham vários mecanismos diferentes para poderem se movimentar: cordas, sanfonas internas e peças de relojoaria como

engrenagens, por exemplo, geralmente eram acionadas por algum elemento anexado fora da boneca. O mais comum era apertar algum tubo, como um botão, na “pele” da boneca, que acionava o mecanismo de movimento dela, recurso utilizado até hoje, principalmente em bonecas que falam. Como o custo da fabricação dessas bonecas era alto, o público ao qual elas eram destinadas era a elite, tornando-se assim um elemento de status entre as classes mais abastadas.

O que podemos observar na evolução das bonecas europeias é que elas seguiram uma ordem inversa à natural. Modelos figurativos das mulheres, primeiro elas foram fabricadas para as madames como modelos para suas vestimentas, depois foram fabricadas como crianças para que assim pudessem atingir um público mais infantil e, por fim, ganharam feições de bebês, sendo feitas mais caprichadas e ganhando movimentos, como se assim tivessem ganhado vida.

O sucesso que as bonecas faziam não atingia apenas as camadas mais abastadas, mas também influenciava a vida daquelas pessoas que não tinham condições de mandar buscar bonecas de fora com seus ricos trajes, ou comprar uma das famosas bonecas francesas ou alemãs. O que cabia a essas pessoas era usar da criatividade tanto na elaboração de suas vestimentas, como na elaboração de bonecas que, conseqüentemente, acabavam sendo feitas de pano ou retalhos.

Baseadas nas roupas das famosas bonecas, as mães buscavam copiar da melhor maneira possível os modelos que eram ícones de moda na sociedade parisiense; e também baseadas nas bonecas de louça elas tentavam reproduzir as bonecas com o material que tinham em mãos, criando assim um novo estilo de boneca, completamente artesanal.

Os materiais e a qualidade das bonecas na indústria, com o tempo, também veio a mudar. Para garantir lucro e criar bonecas em grande escala, os materiais utilizados na fabricação das bonecas também mudam. Elas começaram a ser fabricadas em vinil (plástico mole) e celuloide, com cabelos artificiais. A partir de 1905/1915 surgiram então na Alemanha as bonecas

Googlies, que eram pequenas bonecas de cerca de 12 centímetros, com rostinho de criança alegre e olhos de vidro esbugalhados que se moviam de um lado para o outro. Completamente diferentes das bonecas criadas até então, essas bonecas tomaram o gosto das pessoas e são as primeiras bonecas a quebrar um ideal de estética e beleza perfeitos.



Bonecas Googlies. Fonte: <https://www.pinterest.com/crazyquilter/sew-tiny/>

O padrão estético das bonecas Googlies persiste até hoje na fisionomia das bonecas industrializadas encontradas à venda no mercado. Mas até a década de 1930, principalmente no Brasil, era muito difícil se ter uma boneca industrializada. Elas ficavam restritas ainda a uma pequena camada da população que tinha acesso a esses produtos. A maioria das crianças tinham e brincavam com bonecas de pano fabricadas manualmente pela mãe ou outra mulher da família.

A boneca Emília datada de 1920 é um personagem do Sítio do Picapau Amarelo, criada pelo escritor Monteiro Lobato. Além de ser a boneca de pano mais conhecida no Brasil, Emília é a representação de uma geração de crianças que tinha como brinquedo e amiga esse tipo de boneca. Confeccionada por Tia Nastácia, uma negra cozinheira da família, Emília foi dada de presente a Narizinho e, após tomar uma pílula falante, ganha vida e vive diversas aventuras com a sua amiga. Curiosamente, é pelas mãos das negras (trazidas da África e escravizadas) que muitas crianças no Brasil tiveram o primeiro acesso a este tipo de objeto.

Apesar de Emília ser feita de pano, a indústria de bonecas com o tempo foi “aperfeiçoando” seu material e Emília passou a ter cabeça de plástico e corpo de pano, chegando até mesmo a ter o corpo feito completamente em plástico.

As histórias de Monteiro Lobato sobre o sítio do Picapau Amarelo se transformaram em uma série, adaptada para a televisão. A primeira série foi transmitida na Rede Globo de 1977 a 1986. A boneca foi criada para o mercado nesse período, no ano de 1978. A série teve sua recriação e foi exibida pela segunda vez entre 2001 a 2007. As imagens da boneca Emília abaixo mostram não só a reinvenção da imagem da boneca, mas também o desenvolvimento da tecnologia na fabricação da mesma boneca anos depois.



Primeira boneca Emília, com cerca de 30 cm de altura e o corpo de pano recheado com bolinhas de isopor e ao lado o cartaz de anúncio do lançamento da boneca.

Fonte: <http://www.fredcunhanews.com/2015/02/brinquedo-dos-anos-70-bonecas.html>



Descrição do site da fonte: “Indicado para: meninas. Idade recomendada: 3 a 8 anos. Fabricante: Grow. Material: Vinil. Dimensões da embalagem (cm): 14,5 x 11,5 x 22,8. A Boneca Emília do Sítio do Picapau Amarelo da Grow é aprovada pelo Inmetro. Boneca Emília 20 cm.

Fonte: <http://www.toymagazine.com.br/boneca-emilia-grow.html>

Sua nova versão é fabricada completamente em plástico/vinil e sua fabricante é a Grow, uma marca de bonecos colecionáveis e jogos. Mas a dualidade no modo de fabricar a boneca Emília vem desde a fundação no Brasil da manufatura de brinquedos Estrela S.A; que começou em 1937 com uma fábrica de bonecas de pano e logo não demorou a produzir brinquedos de metal, plástico, entre outros materiais. As crianças brasileiras cresceram com as bonecas dessa marca. Entre os anos de 1940 e 1950 cresceu a industrialização de bonecas no Brasil não só com a Estrela, mas também com a marca de brinquedos Bandeirante.

Outra marca na fabricação de bonecas bastante conhecida é a Mattel Toys, que cria no final dos anos de 1950 a boneca mais famosa e mais vendida até hoje no mundo: A Barbie. Seu criador Elliot Handler, volta às origens das bonecas europeias e cria a boneca norteamericana com cerca de 20 centímetros para a sua filha que queria uma boneca para usar como modelo de roupas e acessórios femininos.

A boneca deixa de ter feições infantis e volta a ter um aspecto adulto, maquiada e com cabelos sempre arrumados. Com cabeça, braços e pernas articulados, feita em plástico, e cabelos artificiais, a Barbie é o arquétipo da beleza da mulher norteamericana, branca, magra e loira. Assim como as bonecas europeias, a Barbie já teve a honra de se vestir com desenhos de grandes estilistas do mundo todo. Em cada país ela toma características da vestimenta das mulheres locais, mas o seu grande trunfo é a forma como ela é apresentada em diferentes profissões, acompanhando a mudança de vida das mulheres que, independentes, saem de casa para trabalhar e ganhar dinheiro. Ou seja, a Barbie não vende apenas um padrão de beleza, mas também estilos de vida.

Antes da apresentação da Barbie em diversas profissões, houve um episódio marcante que mostra a mudança cultural promovida pelo feminismo:

Quando Barbie, emblema americano de hiperfeminilidade, pronunciou suas primeiras palavras no verão de 1992, ela disse às mais recentes de suas 800 milhões de possuidoras que “a aula de matemática é difícil”. Após protesto de grupo de mulheres, os fabricantes de Barbie (o presidente da Mattel na época era uma mulher) removeu esta afirmação do repertório de frases feitas da boneca. (SCHIEBINGER , 2001, p.137).

A boneca Barbie chegou ao Brasil nos anos de 1982 através da Estrela e atualmente o Brasil é o quarto país com o maior número de consumidoras da boneca. A cada dois segundos é vendida uma boneca Barbie no mundo. Muito tem se debatido tanto na mídia, como nas famílias e em outros meios, sobre o quanto o estereótipo de beleza da Barbie vem atingindo negativamente as meninas ao longo do tempo, por ser muito magra. Muitas meninas, tentando atingir o modelo de corpo perfeito, acabam por adoecer e adquirir transtornos alimentares como a bulimia e a anorexia. Isso nos mostra como a ideia de beleza e figuração mudou durante os anos.



Imagem da primeira Barbie criada em 1959. Fonte: <https://barbiecollectors.wordpress.com>

Em contraponto à Barbie, na década de 1960 é criada no Brasil a boneca Susi, também fashionista (boneca que segue a moda). A Susi tinha características corporais mais reais e o corpo com mais curvas do que a boneca norte americana. Também foram criadas Susis com diferentes profissões e habilidades. Foram vendidos mais de 20 milhões de exemplares até o ano de 1985 quando ela parou de ser fabricada, voltando ao mercado apenas em 1997.



Boneca Susi com características da Barbie, mas com nariz e lábios mais grossos.

Fonte: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/estrela-um-mundo-de-encanto.html>

A Estrela é a fabricante da boneca Susi. Mas por conta da concorrência com a boneca Barbie, a Susi é uma boneca que nunca emplacou definitivamente no gosto das meninas brasileiras. Ao perceber esta questão, a Estrela tentou sem sucesso “abrasileirar” ainda mais a Susi dando a ela características visuais da maioria das mulheres brasileiras, deixando seu cabelo preto e até mesmo fazendo uma Susi negra.



Bonecas Susi Negras e Morenas foram somente lançadas em 1973 e 1974.
Foto: acervo da colecionadora de Bonecas Susi, Ana Caldato.
Fonte: <http://anacaldatto.blogspot.com.br/2013/10/boneca-susi-negra-anos-70.html>

A partir do processo de industrialização em massa de brinquedos e bonecas, a indústria multiplicou o número de modelos e a cada ano séries e modelos de bonecas são inventadas pra atender ao público infantil. As que nunca saem de moda, assim como a Barbie, são as bonecas bebês que, como as bonecas autômatos, exercem várias atividades corporais, fazem xixi, se alimentam, choram, falam, andam etc. Mas também há as que são elaboradas a partir de desenhos animados e que ganham o gosto das crianças de uma forma

inacreditável, como é o caso das bonecas Monster high (bonecas também fashionistas, que estudam numa escola para monstros). Elas são versões femininas de clássicos de terror, são vampiras, múmias, zumbis, lobisomem. Criadas desde 2010 pelas indústrias Mattel, as bonecas estadunidenses atualmente são umas das bonecas mais vendidas no mundo.



FONTE: <http://www.mulhertendencias.com/bonecas-da-monster-high-para-dia-das-criancas.html>

O que podemos perceber nessa trajetória histórica das bonecas é que ao longo dos séculos elas foram mudando não só em aparência, mas também em significado. Desde as estatuetas de Vênus, nas quais não conseguimos compreender em totalidade sua significância, até os dias de hoje, elas transitaram entre o sagrado e o lúdico, figurando e servindo de imagem para inúmeras mulheres e meninas do mundo inteiro. E o que mais chama a atenção é o fato delas servirem de espelho figurativo para as mulheres, contendo elementos de aprendizagem de gênero, por todas as gerações por onde passaram: a mulher da corte bem vestida, a criança perfeita, o aprendizado da maternidade, a mulher como bem sucedida em suas múltiplas profissões, mas que ao mesmo tempo continua linda, magra e seguindo todos os ditames da moda.

1.2 Brinquedo, educação e socialização de gênero

Procurar entender como se dá essa relação das meninas, em termos da aprendizagem de gênero, a partir de suas relações com as bonecas é procurar entender como elas se identificam com esse artefato cultural corporalmente e visualmente, como elas se identificam com as bonecas nas relações que mantêm com elas e como assimilam os códigos e estereótipos assimilados a esse objeto.

1.2.1 Relação infância–fase adulta da perspectiva de gênero feminino

Neste ponto, faremos observações acerca das relações entre: identidade, brinquedo, memória e aprendizagem de gênero.

Quando falamos em memória, geralmente não nos damos conta de que em grande maioria dos casos as nossas principais e mais importantes lembranças estão no período da infância. É na infância que se desenvolvem os nossos múltiplos aprendizados. Através desses aprendizados ocorridos neste período é que construímos as nossas identidades que serão modeladas e remodeladas ao longo de nossas vidas.

O tema, aprendizagem de gênero feminino é bastante complexo, pois inúmeros fatores na vida das mulheres fazem com que esse aprendizado se desenvolva, até mesmo de forma imperceptível e subliminar; são vários momentos que se entrelaçam, ações e afirmações que escutamos ao longo de nossas vidas. Em diversos momentos, determinadas atitudes e aprendizados acabam sendo lidos por nós como algo natural, intrínseco do ser mulher.

Antes de mais nada, alguns pontos e termos devem ser explicados e o motivo de seus usos esclarecidos. Para tal, precisamos entender a diferença de relatos de memória de infância e relatos de memória sobre a infância. O nosso caso de investigação se encontra na segunda abordagem. Precisamos também esclarecer brevemente o que nesse contexto seria entendido como infância.

Como já dissemos, a nossa pesquisa é feita através de relatos de memórias sobre a infância e é dessa forma que poderemos compreender como a aprendizagem de gênero feminino das nossas participantes se deu, pois é o olhar de alguém que já formou sua identidade de mulher adulta rememorando a fase em que esta identidade começou a ser aprendida.

Os relatos [...] sobre infância, geralmente são produzidos por pessoas que já passaram por essa etapa. Podem ser emitidos por adolescentes, por adultos, por pessoas mais idosas, mas são *sobre* o período da infância, que fazem referências aos períodos da infância vivenciados por cada um, são, portanto, relatos sobre um período da vida que ficou pra trás, sobre o tempo da infância que ficou pra trás. [...] Este fato coloca uma questão importante para reflexão: há diferentes maneiras como a infância pode ser sentida e relatada e diferentes representações, se esses relatos foram produzidos por adolescentes ou adultos, isto é, por pessoas em diferentes etapas da sua vida. [...] importante refletir sobre as diferentes representações dependendo do momento em que a pessoa está relatando sobre a infância. (FARIA, DEMARTINI e PRADO, 2002, p. 5).

Então os relatos das participantes desta pesquisa se referem ao período da infância e suas relações com o brinquedo boneca, ou seja, sua primeira boneca. Esse brinquedo talvez seja o mais emblemático objeto de ensino e aprendizado de gênero feminino em todo o mundo, em todos os períodos. As bonecas entram na vida das meninas desde tenra idade, mesmo quando as meninas ainda não podem manipular/brincar com a boneca ela já está presente no ambiente onde a menina convive, seja como decoração ou até mesmo como um brinquedo que faz companhia à criança quando esta está dormindo. É raro, principalmente nos dias de hoje uma menina que não tenha acesso a uma boneca e com a chegada desse objeto na vida das meninas chega também toda simbologia que a boneca carrega consigo, trazendo a educação de gênero feminino para a vida das mulheres.

O que devemos observar é que, mesmo inconscientemente, uma colonização é feita na vida das crianças, essa educação colonialista que desde tenra idade ensina as meninas a como ser mulher em nossa sociedade é fruto da imposição cultural dos adultos para que assim, desde cedo, as crianças se encaixem em padrões normativos do que seria a função de cada sexo nesta sociedade. Podemos observar que essa educação não se dá apenas no âmbito da família (educação informal), mas também nas escolas (educação formal) e em todas as esferas por onde a criança transita. (MORENO, 1999).

Não podemos generalizar nossa afirmativa com relação à educação de todas as crianças, mas podemos dizer que há interferências ou tentativas de

induzir a um comportamento (nesse caso feminino) em algum momento da vida da criança ou mesmo em outras fases para designá-la ao papel que acredita-se que seja dela; um papel de mulher feminina, heterossexual, esposa e mãe. E esse papel começa a ser aprendido a partir do momento em que muitas meninas ganham uma boneca na infância.

Inclusive, todos compreendemos que a boneca é um objeto lúdico e por isso mesmo um objeto para crianças. Geralmente quando adultos têm esses brinquedos acredita-se que não seja na mesma intenção que a criança, o adulto é geralmente um colecionador. Para que pensemos a boneca como um brinquedo, precisamos pensar na criança como criança, como um ser que está no período que denominamos de infância e essa identidade de criança ela só é possível a partir de um olhar do outro que é o adulto. Mas o que necessariamente seria infância?

Os estudiosos chamam a atenção para categorias distintas de crianças: as que vão se constituir como *crianças que têm infância* e outras que vão se constituindo como *crianças sem infância*. E “sem infância” no sentido de que não passaram por uma experiência que é entendida como experiência de vida que configuraria essa etapa inicial do processo de socialização. (FARIA, DEMARTINI e PRADO, 2002, p. 8, 9).

Ou seja, entende-se aqui que criança se restringe a uma fase da vida do ser humano (as primeiras idades), mas ter infância ou ser infantil vai depender de uma socialização cultural (o que nem sempre existiu). Infância seria a fase onde recebemos cuidados, somos ensinados, somos restringidos e é a fase em que brincamos. Hoje, nossas crianças brincam com brinquedos e atividades exclusivamente voltadas para as crianças, quando antes não havia essa distinção: as crianças sem infância brincavam junto aos adultos, os jogos realizados pelos adultos e objetos direcionados ao mundo deles.

Mais precisamente na antropologia, as brincadeiras são compreendidas diferenciando significados por diferentes culturas, permitindo, assim, identificar uma estrutura que as especificam, seja como sistema de regras, seja como fatos sociais que assumem a imagem, o sentido que cada sociedade lhes atribui” [...] “Além disso, como atividade característica tanto dos adultos quanto das crianças, as brincadeiras são reveladoras de um espaço de cultura, espaço da totalidade das

qualidades e produções humanas, distinto do mundo natural, que produz e veicula projetos da vida humana. (FARIA, DEMARTINI e PRADO, 2002, p. 98, 99).

Dessa forma, podemos observar que, no caso das nossas pesquisadas, todas foram crianças com infância. Aprenderam coisas voltadas ao mundo infantil e brincaram de boneca porque as compreendiam como crianças que precisavam por variados motivos ter esse objeto nesse período como um brinquedo socialmente infantil e principalmente feminino.

Veremos nos relatos analisados no terceiro capítulo que, mesmo depois de adultas, as bonecas permanecem na memória de nossas participantes como um objeto simbolicamente importante em suas vidas, pois como já indicamos esse elemento na maioria dos casos fez parte do processo de socialização e construção da identidade de mulheres adultas que hoje são.

1.2.2 Contribuição para pensar os sentidos de ser mulher através da relação com a boneca

Quando pedimos às nossas participantes para rememorar sua primeira boneca, buscamos nesse exercício não apenas obter uma história dessa relação, mas verificar através desse relato como as nossas participantes, hoje adultas, relatam a vivência da infância naquele período, como elas falam desse sobre a infância, as diferentes formas de se falar sobre esse período e como elas falam sobre elas mesmas.

A utilização de relatos de memória como documento é muito importante na pesquisa histórica, social e educacional porque permite analisar, mais do que fatos, sentidos de vida individual e coletiva. Nesse caso, elas realizaram a retomada da memória de uma infância possivelmente adormecida, de seus sentimentos e subjetividades, buscando por lembranças que, fora dessa oportunidade, estariam apagadas. Foi um exercício de ir de volta a um passado que talvez elas não considerassem tão importante como parte fundamental dos seus sentidos de ser mulher hoje.

Já dissemos que a educação de gênero é realizada tanto em espaços formais como informais e o que faz essa educação ser efetiva é justamente a submissão ao que nos impõem como normal, mas que na verdade são

estereótipos que a sociedade nos apresenta e que na maioria das vezes aceitamos e até defendemos sem questionar a aparente naturalidade dos tais comportamentos apresentados. “Os modelos de comportamento são transmitidos de geração a geração por meio da imitação de condutas e atitudes que são conhecidas por todos e compartilhadas por quase todos” (MORENO, 1999, p. 52). Ademais, “essas normas de conduta são adquiridas frequentemente por vias subliminares e em etapas de nossa infância em que não temos desenvolvido ainda nenhum mecanismo de crítica” (MORENO, 1999, p. 67).

E como as brincadeiras com bonecas ajudam a reforçar isso? Quando se brinca de boneca as diretrizes de comportamento já estão introjectadas nas meninas, elas geralmente não veem as bonecas apenas como uma amiga, em suas brincadeiras; geralmente elas irão reproduzir atividades que se esperam no futuro que uma mulher exerça: professoras, babás, mães, enfermeiras, cozinheiras. De certo modo são atividades que têm uma atribuição passiva e recheada de responsabilidade, que não seriam necessárias serem pensadas ou ensaiadas por uma criança.

Assim o objeto boneca exerce na sociedade e na educação de gênero feminino a sua contribuição cultural para se inculcar e internalizar os sentidos de ser mulher. O corpo figurativo da boneca acaba não só sendo o corpo de um outro a quem a menina deve cuidar, mas também uma representação de como ela deve se perceber. Desta forma,

a criança constrói um “sistema interno de regras de gênero” a partir de sua experiência e das representações disponíveis na cultura em que está inserida. Através da linguagem escrita e falada e das imagens linguísticas e não-linguísticas com as quais interage, a criança aprende as expectativas para seu comportamento. (SOUZA, 2006, p.172).

Assim, compreendemos a boneca em alguns aspectos (assim como outros elementos considerados do mundo feminino) como referencial de significados que mantém essa relação cultural de controle do corpo, dos movimentos, dos desejos e indicando modos de como ser e fazer, contribuindo para a aprendizagem de gênero de forma que essa aprendizagem pareça normal e seja considerada natural.

2. Relatos sobre o Estágio Docência

Este capítulo se apresenta como um texto relato que abordará a experiência em Estágio Docência, disciplina obrigatória do mestrado, que constitui o campo da pesquisa de dissertação, como também, a oficina de bonecas e sua importância para a pesquisa e o processo educativo em sala de aula para as participantes. Focalizará prazeres e desafios do processo, assim, como dos resultados obtidos.

O Estágio Docência ocorreu no segundo semestre de 2014 e foi realizado na disciplina Pesquisa Educacional, com a turma de Licenciatura em Pedagogia, no turno da manhã, na Universidade Federal da Paraíba, ministrado pela Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, professora orientadora desta dissertação. Ao sentir dificuldade em abordar este tema com crianças (aprendizagem de gênero com bonecas) e adentrar locais como escolas e famílias, mudei e ampliei o foco da pesquisa e, dessa forma, decidi trabalhar com mulheres já adultas buscando compreender a relação entre boneca e aprendizagem de gênero na infância através de suas memórias. Como na turma de Pedagogia havia majoritariamente mulheres, decidi que o lócus da pesquisa seria essa turma, tanto por haver tempo hábil para realizar a pesquisa, como pelo fato das alunas terem o perfil necessário.

Tinha então que realizar a pesquisa fazendo com que o assunto da mesma conversasse com os conteúdos do plano da disciplina que deveria ser oferecida às alunas. O plano de curso foi então reelaborado com a professora-orientadora, de forma a incluir as atividades da pesquisa de dissertação.

Para que elas conhecessem o tema da pesquisa e os respectivos conceitos, realizamos discussões em sala com textos que trabalhassem com os conceitos de gênero, corpo e sexualidade na escola e na pesquisa. O filme “Kinsey – Vamos falar de sexo” foi exibido à turma apresentando os estudos voltados à sexualidade. Foram apresentados os métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa, e também as questões éticas, a responsabilidade que o pesquisador tem de ter com a integridade e o anonimato dos/as participantes da pesquisa.

Para abordar o tema da biografia e da autobiografia, apresentei o texto da professora Belmira Oliveira Bueno (2002). Foi pedido como exercício a

elaboração dos textos: “Como eu me sinto como mulher” e “Minha primeira boneca”. Nestes exercícios foram dados apenas o tema/título e pedido para que as alunas fizessem textos de aproximadamente uma lauda. A proposta era trabalhar com textos sucintos, com calma e tempo para pensar na escrita (diferente de uma entrevista) e escolher as palavras e partes que consideravam mais importantes para colocar na escrita. Como não houve direcionamento do que deveriam escrever, para que assim a escrita fosse livre, apenas algumas participantes interligaram os dois textos, um como uma escrita de memória e o outro como uma escrita de um entendimento atual do que seria pra elas “ser mulher”.

Para discutir com as alunas a escrita sobre a história de mulheres e sua importância, foi apresentada uma leitura das histórias de vida das mulheres políticas. Também foi realizada uma roda de leituras dos próprios textos já escritos por elas, em que todas tiveram oportunidade de escutar as histórias umas das outras, histórias que mesmo sendo extraídas de um grupo de pessoas que conviviam, se não tivessem sido lidas em sala de aula, acabariam sendo conhecidas apenas pelas autoras e as docentes. Mostrar a importância de contar e compartilhar a própria história com outras mulheres, principalmente estas sendo próximas a nós, nos faz enxergar o quanto a história e a memória das mulheres por vezes é negada por nós mesmas.

Para introduzir mais a fundo o assunto da relação das bonecas com o aprendizado de gênero feminino apresentei um panorama rápido da história das bonecas e a ligação que sempre tiveram com as mulheres ao longo da história, para que assim as alunas entendessem o sentido do valor cultural desse artefato.

A experiência na docência foi extremamente válida em todos os sentidos e acima de tudo enriquecedora, pelo simples fato de troca de experiências. As aulas ocorreram sempre de forma dialogada e, a cada aula, não só conhecimentos acadêmicos eram postos em questão e discutidos, mas os conhecimentos da vida diária e as experiências pessoais e individuais eram colocadas como pauta de discussão, interligando teoria, prática, vivência e construção de sentidos.

Assim, a experiência educativa está vinculada de modo intrínseco com a aprendizagem e pode ser considerada como uma experiência, capaz de ampliar os conhecimentos, enriquecendo o espírito, caracterizando significações mais expressivas e dessas à vida. (CHEIDA, 2007, p.30).

Entendo, assim, que como universidade, espaço de múltiplas aprendizagens, abordagens distintas devem ser feitas e foi o que procurei fazer, com um certo sucesso.

O tema gênero permeou a maioria das discussões, pois era necessário estender às alunas o tema que envolvia a pesquisa. Como participantes da pesquisa elas deveriam estar a par das discussões que envolvem a temática de gênero. Entendo que a cultura machista e a linguagem sexista estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, no espaço escolar e nas universidades, sendo propagadas por educadores e educadoras. Dessa forma, através de um ensino/aprendizado mais aberto às questões feministas e de gênero podemos vislumbrar uma possibilidade de superação deste panorama sexista e machista no ensino, reconhecendo que “a escola tem marcado uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos, ou seja, seu adestramento nos próprios modelos culturais” (MORENO, 1999, p. 17).

O ensino desde a infância apresenta muitas vezes um caráter normativo e um aprendizado de gênero que reforça essa moldagem do que é ser menina (ou menino), como ser e o que fazer. “A partir do momento em que nascemos, começamos a receber essa influência social que condicionará nossa maneira de ver e estar no mundo” (MORENO, 1999, p. 14). Vimos assim, com essa experiência, uma oportunidade de confrontar ou pôr em questão noções e estereótipos formados e pré-estabelecidos sobre o ser mulher e os comportamentos sexuais em nossa sociedade.

Não posso dizer que todas as alunas assimilaram os conceitos e suas implicações, mas posso dizer que a participação nas discussões foi bastante efetiva e que todas estavam abertas de forma muito receptiva a ler e procurar compreender os conceitos. Vi esta abertura de forma positiva, pois mesmo com seus modelos de conduta, atitudes e maneiras de ver e julgar o mundo e os fatos, elas buscaram alargar seus horizontes a partir das novas paisagens apresentadas. Compreendo que a não assimilação da totalidade do que foi posto

decorre de inúmeros fatores, como suas religiosidades e aprendizados familiares, e outros.

Agimos e movemo-nos não de acordo com a realidade, mas de acordo com a nossa imagem no mundo. Cada pessoa não constrói uma imagem por si mesma, a partir da observação de alguns fatos concretos e reais, e sim, na maioria dos casos, a partir do que os outros lhe dizem a respeito desses fatos, ou seja, a partir dos julgamentos que os demais emitem sobre a realidade. (MORENO, 1999, p. 13)

Deixei as alunas à vontade para participarem ou não das discussões e de elaboração dos textos escritos. Assegurei que resguardaria suas identidades. Trabalhei na perspectiva de sempre respeitar a opinião de todas, compreendendo que cada uma era uma individualidade, com uma história de vida distinta.

Sendo assim, dentre as conquistas e dificuldades no processo, obtive mais conquistas, pois todas as alunas se mostraram acessíveis tanto à participação na maioria das atividades em sala de aula, como nas atividades que envolviam a pesquisa. Dentre essas atividades, resalto a seguir a oficina de bonecas.

Antes de relatar a oficina de bonecas, devo colocar algumas questões sobre o porquê de sua realização e sua importância, tanto no processo educativo, quanto para a pesquisa.

Em relação ao processo educativo, além do conteúdo específico da disciplina, entendo que há uma grande importância em inserir a arte de alguma forma na educação. A arte, assim como a criatividade, faz parte do ser humano, como faz parte da educação. Uma educação sem arte e sem o desenvolvimento da criatividade de inúmeras formas é incompleta.

2.1 Oficina de bonecas: trabalho manual, criatividade e auto-representação

Para o aprimoramento da educação, existe um ponto que merece atenção especial: a criatividade. [...] Do ponto de vista etimológico, a criatividade está ligada ao tema criar, que quer dizer: dar existência, sair do nada, estabelecer relações, até então, não estabelecidas pelo universo do indivíduo, visando a determinados fins. [...] A capacidade criadora é uma das potencialidades do ser humano, auxiliando-o a se expressar, comunicar. (CHEIDA, 2007, p. 18).

Ou seja, tirar as alunas da zona de conforto já estabelecida pelas práticas de ensino-aprendizagem conhecidas e procurar levá-las a elaborar algo novo, tendo nesse fazer uma perspectiva, um porquê e uma finalidade, por mais simples que seja, é inovador, principalmente quando essas têm a oportunidade de exteriorizar seus sentimentos e sensibilidades. Entendo a importância de uma educação baseada na sensibilidade e na criatividade, que traz uma nova forma de se comunicar e de se expressar e uma nova forma de desenvolver o/a aluno/a não só como tal, mas também como ser humano. Ou seja, as múltiplas formas de aprendizado são válidas e nelas inclui-se o aprendizado através do trabalho manual.

numa realidade cada vez mais cerebral e padronizada, nossa apreensão tátil do mundo vem se perdendo enquanto forma de saber, na medida em que nossas mãos não se exercitam no ofício de tocar com vistas ao prazer e à sabedoria que as coisas podem nos proporcionar pelo contato com a nossa pele (DUARTE JR, 2006, p. 101).

Em relação à pesquisa, haveria uma necessidade de que os pensamentos e emoções de nossas participantes se concretizassem, que visualmente se pudesse ter uma noção do que elas entendiam como autoimagem e quais sentimentos e intenções tiveram ao se retratar na boneca elaborada. Assim, a ideia da oficina é a de fazer com que a participante, ao criar a boneca, instantaneamente em seu fazer ela coloque/trasponha seus sentimentos a respeito do que ela propõe. É a busca de concretizar um comportamento criativo.

Para se obter um comportamento criativo, é importante saber que ele não acontece apenas no nível intelectual. É primordial que se busque o afetivo, o emocional, o sensorial, o sensível, o amoroso, o intuitivo, o inventivo, para que cada um vá achando a sua integração, a sua unicidade interior... (ABRAMOVICH, 1985, p.20).

Dessa forma, a partir dessa compreensão, vi o fazer da oficina como uma necessidade para a pesquisa, parte importante e crucial tanto para sua finalização, como também para pôr em prática tudo o que já se vinha discutindo e trabalhando junto às participantes. Trabalhar física e visivelmente com a emoção, a memória, os sentimentos e a afirmação de uma identidade feminina,

na verdade, de uma identidade de mulher através da elaboração de bonecas, além de um ato educativo é também um ato de catarse, um ato de se pensar e se repensar como pessoa e como mulher.

Assim, realizei a oficina com as alunas buscando concretizar e dar vida palpável ao objeto de estudo. A oficina foi realizada em sala de aula durante o período de uma manhã inteira. As alunas foram previamente avisadas da realização da oficina, incluída no plano de aula, uma das últimas atividades realizadas com as mesmas.

Foi pedido para que elas levassem para a aula materiais como tesouras, tecidos em retalhos e materiais de aviação (botões, linhas, fitas, entre outros). Esse pedido não foi realizado em vão, as alunas sabiam que todo esse material seria levado e disponibilizado para que elas produzissem as bonecas, mas se elas desejassem colocar em suas bonecas algo especial e único elas deveriam levar. Por exemplo, um tecido que representasse algo pra elas, um pingente, ou algo que elas considerassem especial e quisessem incorporar na montagem da boneca, o que realmente ocorreu em alguns casos.



Material utilizado na oficina para a confecção das bonecas. Acervo pessoal.

Então para essa atividade foram levados todos os materiais necessários para a confecção das bonecas. Também houve a gravação e o registro através de fotografias tanto da realização da oficina como também da apresentação das bonecas que as participantes confeccionaram ao final da oficina.

Antes de distribuir o material, foi explicado que haveria corpinhos de feltro já elaborados, que elas deveriam escolher a partir da cor com que se identificassem, ou seja, a autoidentificação começaria através da cor da pele do corpinho escolhido: bege, marrom claro e marrom escuro.

Uma surpresa interessante foi que algumas alunas, que pensei que escolheriam o corpinho de cor bege clara (pele branca) se identificaram com o corpinho de cor parda e até mesmo negra e vice versa, ou seja, esse ponto inicial da auto identificação já foi de uma riqueza de detalhe e informação para compreender como as alunas se identificavam em relação a raça e cor.



Corpinhos em tecido de feltro elaborados para a montagem das bonecas na oficina. Acervo pessoal.

Ao iniciar a oficina foi explicado para as participantes o que se esperava daquela atividade: que a boneca seria feita manualmente a partir da estrutura da boneca de pano, com suas roupas montadas com retalhos e sua caracterização seria elaborada manualmente. Dessa forma, como já foi dito, elas escolheram o

corpo na cor que desejaram e os retalhos e materiais preferidos para a elaboração de suas bonecas.

Outro fato interessante também observado no decorrer da oficina foi que, a maioria das participantes nunca havia realizado um trabalho manual ligado ao artesanato, muito menos com tecidos, agulhas e linhas. Boa parte delas não tinha noção de como usar a agulha ou realizar costuras e colagens, muitas tiveram dificuldades em manusear os materiais, precisando de auxílio várias vezes para realizar a atividade. Isso é algo bem curioso e, de certa forma, até positivo, mesmo que não pareça. Espera-se das mulheres que elas apresentem comportamentos tipicamente femininos, que elas naturalmente saibam realizar trabalhos manuais que frequentemente são associados aos afazeres da mulher: cozinhar, limpar, educar crianças, bordar e costurar. A experiência da oficina veio mostrar que a educação das mulheres, mesmo a educação familiar, está mudando com o decorrer do tempo e que os interesses delas, ao menos do grupo estudado, estão se voltando para outras áreas que não as dos trabalhos domésticos e/ou manuais.

Além dos relatos ao final da oficina, o decorrer dela também mostrou muita coisa: a interação e a falta de interação entre as participantes ajudando ou não umas às outras, os modos de escolha do material, de comprometimento ou não ao atender a ideia proposta na oficina, e o entendimento ou não da importância simbólica daquele primeiro contato com materiais nunca antes manuseados por algumas. O que se pode dizer é que a maioria gostou de participar da oficina, de elaborar uma boneca que as representasse ou representasse algo importante em suas vidas, de poder elaborar algo com suas próprias mãos sem a carga da obrigação cultural imposta a tantas de ser prendada e de saber necessariamente utilizar objetos corriqueiramente associados ao mundo das mulheres, coisas que por muito tempo as mulheres foram ensinadas e até obrigadas a fazer.

Uma trama delicadamente tecida de controles, que abarca de modo bastante uniforme, não apenas algumas, mas todas as áreas da existência humana, é instilada nos jovens desta ou daquela forma; e às vezes de formas contrárias, como uma espécie de imunização através do exemplo, das palavras e atos dos adultos. E o que era, a princípio, um ditame social acaba por se tornar, principalmente por intermédio dos pais e professores, uma segunda

natureza do indivíduo, conforme suas experiências particulares. (ELIAS, 1994, p.98).

A experiência não só para as alunas, como também para mim como pesquisadora foi muito gratificante, sobretudo ver um projeto ter sua parte prática sendo realizada e com êxito. Os resultados obtidos só seriam conhecidas ao final de todo o processo, mas realizar o processo da pesquisa finalizando-o com a oficina já mostrou que os métodos escolhidos para apreender os dados necessários foram adequados.

O pesquisador é propriamente o lugar do cruzamento; como se fosse um espelho do objeto de estudo, o constrói como bricolagem, na melhor acepção do termo, no sentido de que todo saber, mesmo o mais rigoroso, o mais fundamentado, é sempre uma bricolagem teórica. (LE BRETON, 2007, p.82).

Em relação aos métodos aplicados na oficina, houve não apenas a ideia de se trabalhar em grupo, realizando uma roda de interações e troca de experiências, mas também o modo de captação desse momento utilizou métodos eficazes para o tipo de atividade realizada, que neste caso foi a captação através da imagem. Compreende-se imagem aqui como imagem parada e em movimento, ou seja, fotografia e vídeo.

O uso da imagem é de extrema importância neste aspecto pois revela cenas e detalhes que de outra forma não seria possível, visualizar, captar informações que ajudam a analisar melhor todo o movimento da oficina, como também o resultado final do trabalho: as imagens das bonecas confeccionadas propiciando observar suas minúcias. Para ajudar nesta análise, me ancoro nas perspectivas de Peter Loizos, que traz no texto: “Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa”, os pontos essenciais para se entender a necessidade e a importância de se trabalhar com estes métodos.

Primeiro devo dizer que escolhi esses métodos pelo fato de serem métodos de pesquisa qualitativa que captariam de forma eficaz uma atividade que envolvesse muitas pessoas ao mesmo tempo para que cada detalhe pudesse receber a devida atenção. Foram captados os vários momentos da oficina, a elaboração das bonecas, a apresentação das alunas (e aluno), suas imagens e de suas criações manuais e cada detalhe e momento captado conta também como um documento a ser analisado.



Montagem com fotos tiradas no decorrer da oficina de bonecas. Arquivo pessoal.

Mesmo sem mostrar muita habilidade com os materiais a princípio, ou seja, não correspondendo à expectativa do papel tradicional da mulher, todas as participantes obtiveram resultados satisfatórios em conseguir transpor para a boneca aquilo que elas buscavam transmitir, a mensagem visual das suas emoções e dos seus desejos incorporados nas características “físicas” das bonecas.

O que se pode dizer sobre as imagens obtidas é que também elas, de certa forma, auxiliam como memória, uma história parada, pronta para ser observada

no seu momento de acontecimento. Nossa memória falada e escrita é uma grande riqueza de informação documental. Analisar a narrativa é de fundamental importância para se entender a memória, mas as imagens como documento trazem visualmente informações que “apenas” a memória falada e/ou escrita jamais teria a possibilidade de expressar, senão no âmbito da imaginação, em casos de relatos descritivos. Por vezes, a própria imagem traz à tona determinadas memórias adormecidas ou esquecidas pelo tempo.

No cérebro, permanece a consciência do conhecimento conservado do objeto e de outros conhecimentos que com eles se relacionam, os quais se contemplam, totalizando a mensagem visual recebida. Existe associação em um ato presente de percepção, que, por meio da memória, permite-nos reviver a consciência de percepções anteriores. [...] Os momentos vividos sempre são guardados conosco, porque o homem não vive cada dia independente do outro. O passado é interligado a idéias, ações, sentimentos, predileções e a uma série de noções circunstanciais que, a todo instante, são armazenados na memória e aumentam o conteúdo de nosso conhecimento. (CHEIDA, 2007, p. 26).

Assim, a imagem captada, parada ou em movimento, torna-se mais um instrumento/documento que relaciona e interliga o ser humano e suas memórias e detalhes de um momento que, se não fosse pela imagem, poderia perder-se nos emaranhados das lembranças e dos inúmeros momentos vividos. Conceitualmente, busco compreender as formas de captação das imagens, os cuidados necessários em se armazenar esses documentos e como analisá-las, confrontando-as, então, com as falas das estudantes participantes da pesquisa.

2.2 Captação e análise de imagens

Há pelos menos duas formas principais de se captar a imagem, uma delas é a captação por fotografia (imagem parada) e outra é a captação por vídeo (imagem em movimento), em que não só se capta a imagem, mas também a voz do/a entrevistado/a. Ambas as formas foram utilizadas no momento da oficina nesta pesquisa.

É importante destacar que o processo de se trabalhar com imagem em uma pesquisa é algo bem mais delicado do que apenas com relatos orais ou escritos, casos em que o sigilo da identidade do/da pesquisado/a fica mais simples de estabelecer, com a criação de pseudônimos ou outras formas de não expor a identidade pessoal. Já no caso da imagem, fica quase impossível desassociar a imagem da pessoa participante da pesquisa do conteúdo analisado, a não ser que se encontrem artifícios. No caso desta pesquisa, a imagem da participante foi substituída pela imagem da boneca elaborada pela mesma e seu nome substituído pelo nome dado à boneca após a sua elaboração.

De qualquer forma, ao se trabalhar com imagem, deve-se ter ciência de que é sempre necessária a autorização das participantes da pesquisa para a exposição da sua imagem através de termo de consentimento livre e esclarecido. Esta exposição deverá ser feita dentro dos critérios estabelecidos entre pesquisadora e participante pesquisado/a para que não haja desentendimentos futuros com relação ao uso do material recolhido para a pesquisa.

Vejamos, primeiro, a forma de captação da imagem parada e suas possibilidades de análise. Na contramão da imagem em movimento, a imagem parada capta apenas a percepção de um único momento para quem a vê superficialmente, mas ao associarmos essa imagem a outras informações que se interligam a ela poderemos assim fazer uma análise muito mais profunda dos detalhes visuais encontrados na mesma. O contexto da imagem faz parte intrínseca do processo de leitura a ser realizado da mesma. Em que ano aquela imagem foi criada, o local em que ela foi feita, sobre quem ou o que aquela imagem retrata, por quem foi feita e o porquê dela ter sido feita são informações que ajudam de forma efetiva a realizar a leitura dos detalhes das imagens que pretendemos analisar.

Nem sempre temos todas essas informações, o que torna a leitura às vezes inviável, deixando a cargo da imaginação as mensagens que a imagem poderia passar, ou seja, sua significação.

Embora as imagens, objetos e comportamentos possam significar e, de fato, significam, eles nunca fazem isso autonomamente: “todo sistema semiológico possui sua mistura linguística”. Por exemplo, o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha, e pelo *status* dos objetos, tais como alimento ou vestido, visto que sistemas de signos necessitam “a

mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos, ou razões)". (BAUER e GASKELL, 2014, p.321).

Dessa forma, compreende-se que a linguagem que acompanha a imagem é tão importante quanto a imagem em si. Quando se trata de uma imagem em que ela figura uma notícia ou uma história relato, a sua compreensão se torna muito mais evidente do que uma na qual não está acompanhada de um texto ancorando-a. Não se deve negar o poder que uma imagem isolada possa ter de significado e que até mesmo seu significado possa ultrapassar as fronteiras do tempo e das culturas, mas o seu esclarecimento pelo meio linguístico aumenta consideravelmente o seu potencial de significação. Outro ponto para o qual se deve atentar é o fato das múltiplas leituras possíveis que podem ser feitas a partir de uma única imagem:

a imagem é sempre polissêmica ou ambígua. É por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto: o texto tira a ambiguidade da imagem - uma relação que Barthes denomina de *ancoragem*, em contraste com a relação mais recíproca de *revezamento*, onde ambos, imagens e texto, contribuem para o sentido completo. (BAUER e GASKELL, 2014, p. 322)

Isso não quer dizer que mesmo ancorada no texto a imagem não possa sofrer inúmeras interpretações. A interpretação vai além do texto, o ato de ler um texto ou imagem (como um texto visual) dá possibilidades múltiplas de interpretação, pois o sentido da interpretação que será gerado irá também depender do olhar do leitor para com o material que pode conter incontáveis interpretações, mesmo com o acompanhamento do texto. Às vezes uma cor, uma posição ou qualquer símbolo existente na imagem que não foi esclarecido ou apresentado no texto proporciona ao/à pesquisador/a mais atento uma informação que possivelmente passaria em branco para algum/a outro/a leitor/a.

A escolha do material para ser analisado na pesquisa é tão importante quanto a própria análise desse material. Quanto mais informação e riqueza de detalhes possa se extrair desse material, melhor será para a pesquisa. "O primeiro estágio é escolher as imagens a serem analisadas. A escolha dependerá do objetivo do estudo e da disponibilidade do material. [...] alguns materiais são mais passíveis de análise semiótica que outros" (BAUER e

GASKELL, 2014, p. 325). Como já foi dito, sempre será possível realizar uma nova leitura de uma imagem, mas o mais importante ao realizar essa leitura, é empreender a construção da análise dos variados elementos que podem ser identificados na imagem.

Não há como delimitar uma única forma de observar ou apresentar os elementos contextualizados, o que se pretende é relacionar da melhor maneira possível os elementos que se veem e a interpretação do conteúdo observado. Dentre os níveis de significação considerados mais altos para a observação de uma imagem devem-se ter em mente as seguintes percepções sobre o mais alto estágio de análise significativa:

Ele é construído a partir do inventário denotativo e irá fazer a cada elemento uma série de perguntas relacionadas. O que tal elemento conota (que associações são trazidas à mente)? Como os elementos se relacionam uns com os outros (correspondências internas, contrastes, etc.)? Que conhecimentos culturais são exigidos a fim de ler o material? (BAUER e GASKELL, 2014, p. 328).

Por esses motivos, escolhi trabalhar com a imagem, para que com ela pudesse analisar os detalhes existentes na elaboração das bonecas (o que será apresentado no próximo capítulo) e assim poder ter uma maior percepção dos significados empregados em cada ícone.

O uso da imagem em movimento vem no intuito de complementar as percepções da imagem parada. As alunas foram filmadas apresentando suas bonecas e relatando os motivos pelos quais elas as elaboraram de determinada maneira. O uso da filmagem serviu para obter esse texto complementar na própria voz das alunas a fim de correlacionar o texto falado à imagem obtida da boneca elaborada.

Deve-se lembrar sempre que, nesse caso, a boneca feita é uma representação, é apenas uma simbolização e não uma cópia da imagem da participante. Então nesse caso, “o que se pode inferir com segurança, e com sensatez, de uma fotografia? Inferências casuais são fáceis, mas inferência mais segura exige bem mais” (BAUER e GASKELL, 2014, p. 145). Por esse motivo a oralidade das alunas torna-se tão importante e necessária, pelo fato das informações que se quer extrair da imagem encontrarem-se nela, pois sem a

oralidade poderia haver inúmeras dificuldades de compreendê-la e perceber suas singularidades.

Isso não quer dizer que irei fazer essa leitura em sua plenitude. Por mais que imaginemos que a imagem é universal e que qualquer pessoa possa lê-la, devemos atentar para questões culturais variadas, contextos sociais, experiências de vida diferentes e olhares subjetivos incontáveis, assim, nem todos veem a imagem da mesma forma, o olhar é diferenciado e as percepções significativas podem ser múltiplas. Ou seja, como um método de pesquisa qualitativa e, neste caso, como um dado primário elaborado exclusivamente para esta pesquisa, o material visual tem um contexto específico, precisando ser complementado com a oralidade para que haja uma maior possibilidade de leitura aproximada do que a participante procurou passar.

Como ignorar o texto oral, se este é um “ambiente” profícuo em intenções, marcado pelas emoções, subjetividade latente e, aos olhos de um bom observador, instrumento denunciador de traços profundos e expressivos da vontade do falante? (PEREIRA, 2010, p.125).

Nas leituras elaboradas em relação à imagem, em conjunto com a oralidade, devemos pôr em questão uma ausência que sempre existirá em nossas percepções. Como já foi dito, as leituras podem ser múltiplas e, assim, cada pessoa ler uma informação que mesmo um outro leitor com uma percepção apurada não tenha “visto”. Ou seja, jamais haverá uma leitura ou análise que abarque em totalidade o que a imagem e as informações acerca dela tenha a dizer, como também não haverá uma verdade única da imagem e do texto a serem analisados. Compreendemos então que assim como em outras análises, a que farei é só mais uma visão sobre o assunto abordado, podendo futuramente análises diferentes serem feitas do mesmo material.

Outras questões sobre o uso da filmagem e da oralidade devem aqui ser abordadas. A primeira se refere à necessidade de se utilizar esse método da filmagem. É sempre tentador a ideia de elaborar um material visual em movimento quando possível em uma pesquisa, pois assim fica claro como realmente deu-se o processo do trabalho realizado. O que não deve ser feito é (ao menos nesse caso) evidenciar apenas esse processo sem discorrer com as análises e os apontamentos necessários. O uso das imagens paradas ou em

movimento, assim como a oralidade captada devem servir apenas para contribuir com a pesquisa, ou seja, ser um suporte a mais de ajuda nas observações.

A segunda é deixar evidente que não é porque utilizamos esses métodos que a tarefa torna-se mais fácil do que apenas analisar a escrita. O que se pretende é justamente dar à pesquisa e ao leitor um acervo de detalhes e informações sobre o assunto abordado, mais rico do que se houvesse apenas o texto escrito. Sabemos que, em todos os casos, devemos também observar as questões das ausências e omissões, nas falas e nos gestos, desta forma, fazendo com que nós pesquisadores possamos enxergar nessas omissões e ausências aquilo que deixou de ser dito, os textos subliminares, observando também as faltas, as pausas, os movimentos, o corpo, os olhares e as hesitações na fala. “A interpretação exige uma leitura tanto das presenças quanto das ausências de um registro visual” (BAUER e GASKELL, 2014, p. 148).

A terceira é perceber a importância da fala e das interações que ocorrem entre as pessoas e também suas possibilidades de fala individual. Em todos os casos, quando se trabalha com pessoas e grupos, haverá uma diversidade de comportamentos entre elas e eles que vale a pena ser observada. No caso de nossa oficina, a atividade era extremamente lúdica e interativa. Finalizá-la sem escutar as participantes seria uma perda enorme sobre como elas se sentiram naquele momento, e capturar esse relato de experiência se fez assim extremamente necessário.

Do ponto de vista da pragmática, que valoriza os usos da língua e sua performance nas diversas ocorrências elocutivas, permitimo-nos dizer que talvez seja mais produtivo analisar as produções espontâneas em sala de aula – favorecidas por atividades que justifiquem sua realização e desenvolvimento, promovendo a intenção dos grupos. (PEREIRA, 2010, p.126).

Uma possibilidade de trabalhar com a oralidade deve ser sempre observada como uma oportunidade de também dar espaço de voz a quem às vezes não o tem ou até mesmo não pode ter: Em nossa sociedade o silenciamento da fala (e até mesmo da escrita e outras formas de expressão) das mulheres é algo evidente. Somos ensinadas desde muito cedo a apenas observar e até a obedecer sem questionar. E por mais simples que possa

parecer, dar a mulheres um espaço de fala sobre elas mesmas é um ato de liberdade interna com elas mesmas e até de empoderamento. Saber-se importante sobre o que se diz, e saber que se tem em algum momento seu lugar de fala, faz com que as mulheres compreendam o direito que elas têm de falar de si e por si.

2.3 A boneca como documento



Bonecas elaboradas na oficina de bonecas. Arquivo Pessoal.

As bonecas elaboradas em nossa oficina também podem ser compreendidas como um objeto/documento de análise. Quando percebemos que nem só textos ou artefatos antigos podem ser documentos também percebemos que podemos produzir nas interações em sala de aula documentos outros, ricos em informações a serem observadas.

No caso da oficina de bonecas, as próprias bonecas são elementos documentais. Para cada elemento elaborado basta termos a percepção de que esses registros e elaborações são na verdade elementos concretos das subjetividades dos sujeitos, sujeitos esses que estão imersos em uma determinada cultura e que são sujeitos históricos de um determinado período. É assim que os elementos elaborados por esses sujeitos tornam-se documentos que nos permitem poder analisa-los de forma mais profunda do que

possivelmente outros documentos em que não há o registro da intencionalidade na sua feitura.

Outro ponto é poder observar não só o documento (no caso a boneca como documento) mas uma exteriorização da individualidade de quem a elaborou, seus sentimentos, suas percepções de mundo, suas experiências vividas e outros fatores que fizeram com que aquela pessoa chegasse a elaborar aquele documento palpável daquela determinada forma.

Documentos como esses são interessantes do ponto de vista que, não só quem o elaborou pode sentir no seu fazer a exteriorização dos seus pensamentos e percepções, mas outros também podem ter a possibilidade de ler esses documentos de inúmeras formas. Quando algo é extremamente concreto, como um objeto, até mesmo aqueles que não o podem ver ou ler (assim como um texto) podem chegar a senti-lo (como pessoas cegas ou analfabetas) e é por isso que o fazer desses documentos concretos, assim como as bonecas, torna-se de extrema importância para pesquisas nas quais chega a ser necessário propiciar a outros o prazer dessas percepções, assim como a possibilidade de uma transmissão afetiva através do objeto, que pode ser preservado e passado para outras pessoas em inúmeros outros contextos.

Ao realizar a apresentação das bonecas ao final da oficina pudemos perceber que a atividade trouxe à tona nas participantes sentimentos que possivelmente estivessem adormecidos, ou seja, a atividade tornou-se também um espaço terapêutico no sentido de proporcionar um momento de exteriorização desses sentimentos. A realização de um objeto como a boneca, que teve a intenção de transpor uma imagem de si, vem carregada de imaginação, desejos e vivências, ou seja, ao elaborar a boneca, sua criadora também estava naquele momento construindo e reconstruindo uma parte da sua história, contando através dela essas histórias e sobre sua vida. Esse momento lúdico de elaboração traz consigo a presença da imaginação, dos sonhos, dos desejos e para muitas até a presença de uma brincadeira nunca realizada.

O ato da rememoração, ou seja, o ato de buscar na memória informações e lembranças para se elaborar a boneca, também faz parte de uma atividade como essa, mesmo que não esteja evidente ou direcionada a intenção do uso da memória. Então por que assim acontece?

Quando nos remetemos a elementos que se interligam de certa forma com a infância, momentos do passado sempre rondam as nossas ideias, fazeres e preferências. Esses momentos andam conosco e estão guardados esperando oportunidades para serem acionados. O que é vivido pelo ser humano, mesmo que seja por curtos instantes, faz parte de todo um leque de conteúdo adquirido e armazenado ao longo dos anos que se transforma em conhecimento empírico, sendo utilizado geralmente inconscientemente em momentos quando determinados sentimentos são acionados. Por isso a importância de se trabalhar com a memória nos atos de criação e assim se deu em nossa oficina.

Quando se trata de realizar estudos sobre as mulheres no meio educacional e os métodos de fazê-lo, entender que precisamos sempre de alguma forma abalar alguns dos fundamentos da organização educativa convencional faz parte desse processo. Arriscar novos métodos não é uma tarefa fácil, mas quando se trata de documentação acerca da vivência das mulheres geralmente aquela considerada primária e até informal torna-se por vezes um meio de se obter melhores resultados do que promover uma busca por documentos formais (geralmente quase inexistentes em alguns casos).

Fotos, diários, cartas, objetos pessoais, adereços e enfeites da casa, depoimentos orais, entrevistas, artesanatos elaborados por elas e até presentes recebidos caracterizam-se (dentre outras inúmeras formas) como um meio documental, como uma fonte de pesquisa sobre a vida das mulheres, fazendo com que o/a pesquisador/a saia, ao menos minimamente, dos métodos convencionais de investigação, dando espaço a promover outras leituras de determinados documentos que possivelmente jamais seriam lidos se não se abrisse essa possibilidade de análise. Promover uma oficina de bonecas onde as participantes são protagonistas da feitura de sua autoimagem como mulher e também têm seu lugar de fala se mostra como até mesmo uma superação da desigualdade de gênero na educação, lembrando que no meio acadêmico geralmente a voz sempre é masculina.

Ao tentar colocar no mesmo plano, com igual legitimidade, o saber pessoal e o saber acadêmico, as pedagogias feministas pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se vêem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido.[...] agora todas as pessoas têm, ao menos

potencialmente, uma experiência ou uma sabedoria que merece ser compartilhada, que pode ser comunicada e tornada visível. [...] Como consequência, há a expectativa de que a competição ceda lugar à cooperação, levando a uma produção de conhecimento coletiva, colaborativa, apoiada na experiência de todos/as. (LOURO, 1997, p.114).

Quando se dá espaço no âmbito da universidade para uma nova perspectiva de diálogo, em que a educação subjetiva abre novas formas de interação em sala de aula, ensaiamos novos métodos de ensino e de pesquisa.

é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. [...] Os saberes que a escola pretende fixar ou os saberes que a escola pretende ocultar podem ser (e são) contestados, desafiados, confirmados e subvertidos. Dar-se conta desses múltiplos e, por vezes, divergentes espaços educativos, é fundamental. (LOURO, 1997, p. 137).

Ter a elaboração de uma boneca em sala como atividade de reflexão sobre si, sobre os modelos vigentes de educação, nos faz afirmar a importância não só da oficina, mas da elaboração desse objeto como um dos meios de desenvolver alternativamente novos modelos pedagógicos e até mesmo de enfrentamento de uma educação sexista.

3. Relatos autobiográficos a partir da oficina de bonecas

Início este capítulo elaborando algumas discussões sobre o ato educacional que as bonecas como um brinquedo exercem na vida das mulheres desde tenra idade e como essas práticas educativas a partir do brinquedo se dão na formação identitária delas como mulheres. Posteriormente analiso as falas, textos e bonecas das quatro participantes escolhidas seguindo a sequência dos documentos produzidos: o texto “Como eu me sinto como mulher”, o texto “Minha primeira boneca”, e, após, a fotografia da boneca elaborada na oficina e a análise da fala sobre a boneca elaborada. Os textos irão conversar entre si e as falas de cada um deles serão confrontadas para que assim possamos ter um panorama do quanto a boneca está implicada ou não na aprendizagem de gênero feminino da participante em questão.

3.1 Relação mulher-boneca e suas práticas educativas e identitárias

Este tópico inicia-se com a apresentação do texto a seguir, retirado de um perfil pessoal do Facebook de uma moça chamada Mayara Salles, que relata uma história ocorrida no Rio de Janeiro.

Hoje no metrô vi uma menina de no máximo 10 anos segurando um bebê no colo enquanto a mãe estava do lado carregando várias sacolas. Vocês não veriam um menino nessa situação.

Fiquei meio nervosa porque era uma criança muito pequena carregando um bebê muito pequeno bem perto da plataforma. Vocês não veriam um menino nessa situação.

Entramos todos no vagão e ela sentou junto com o bebê no colo. Fiquei um pouco perto porque sou apaixonada por crianças então gosto de ficar observando. Até que eu percebi que não era um bebê, era um boneco. Daqueles hiper realistas que enganam todo mundo, sabe? Ou seja, era uma garotinha segurando um boneco bebê. Vocês não veriam um menino nessa situação.

Durante toda a viagem a menininha em nenhum momento soltou o boneco, ou deixou de lado. Ela segurava aquele bebê de brinquedo como se fosse de verdade. Como se fosse quebrar. Sabe quando você embala o bebê para acalmá-lo? Então, ela o segurava junto do peito, com o outro braço segurando as perninhas enquanto dava pequenos tapinhas nas costas. Assim como todo mundo que sabe segurar direito um bebê faz. Vocês não veriam um menino nessa situação.

Eu estava ali, observando uma garotinha que ainda nem saiu da infância aprendendo a responsabilidade gigantesca de cuidar de uma (outra) criança. Ninando um bebê da maneira idealizada que imaginamos que uma mãe faça. Como vemos nos filmes e comerciais. Com tão pouca idade ela já sabe o que vai ter que fazer quando crescer. O intensivo do que é ser mulher começa muito cedo para nós. Vocês não veriam um menino nessa situação.

Ah. Um pequeno detalhe, mas que complementa a cena. Todas as peças de roupa da menina eram cor de rosa. Vocês não veriam um menino nessa situação.

E há quem diga que não existe socialização.

A socialização é que o aprendizado de gênero, nesse caso feminino. A cada momento do texto a frase “Vocês não veriam um menino nessa situação” reforça que determinados papéis na sociedade são voltados e são ensinados majoritariamente às meninas.

As mulheres são ensinadas desde muito cedo a exercer papéis considerados femininos e o maior papel atribuído às mulheres é o de ser mãe e de cuidar das crianças. O papel de cuidar da criança, geralmente não é concebido para homens, os meninos não aprendem que na tarefa de ser pai também estão inclusas as atividades de cuidar dos filhos, atribuídas “naturalmente” às mulheres.

Geralmente são atribuídos brinquedos para meninos que os induzam e os estimulem à imaginação, à liberdade, à aventura e à independência, como carros, bolas, quebra-cabeças/jogos e brinquedos eletrônicos. Já para as

meninas, os brinquedos geralmente remetem ao cuidar ou de uma pessoa ou de um local como uma casa, por exemplo. Os brinquedos atribuídos a elas são bonecas, reproduções em miniatura de móveis, eletrodomésticos, berços, fogões, panelas e talheres, mamadeiras, entre outros. Isso faz com que haja a partir daí desigualdade no aprendizado como também faz com que se atribuam características diferentes para meninos e meninas; os meninos são tidos como espertos e inteligentes e as meninas são tidas como carinhosas, meigas, educadas e cuidadosas.

As relações de gênero são aprendidas – os sujeitos incorporam/subjetivam o gênero. A educação infantil é estratégica, pois é na primeira infância que se inicia a corporificação do *habitus* de gênero a partir do cuidado do corpo e da exploração do mundo num contexto de educação integral: física, emocional e cognitiva. (CARVALHO, 2008, p. 13).

Ou seja, o gênero é adquirido na educação que os sujeitos recebem, principalmente nos espaços da família e da escola. As interações com o outro já socializado faz com que o/a “aprendiz” entenda o que socialmente o outro (seu modelo) aprendeu sobre o que é ser homem ou mulher. O aprendizado é internalizado e a socialização raramente falha (principalmente na infância) e as normas do que ser ou não ser e como ser ou não são seguidas como algo natural, geralmente inconscientemente, pelos sujeitos. A manutenção desse aprendizado continua com o passar do tempo e é até mesmo reforçado, absorvido pelos gestos, especialmente através do corpo.

o modo como cada sujeito concebe e pratica seu gênero está mediado por todo um sistema de representações que articula o processo de subjetividade através de formas culturais. Os signos “homem” e “mulher” são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície dos corpos, disfarçando sua condição de signos atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, a-históricas. [...] Compreender que esse sistema de imagens, representações e signos compõe o pensamento da lógica discursiva da identidade dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-lo e abrir novas possibilidades de ser. (RAGO, 2013, p. 30, 31).

Dessa forma, compreende-se que os sujeitos se constituem a partir dessas relações discursivas e dessas vivências, eles são frutos das experiências

às quais são submetidos ou se deixam submeter. Explorar essas vivências a partir da linguagem escrita e também falada é abrir espaço para explorar a relação que esses sujeitos têm consigo mesmos e procurar entender como essas subjetividades e esses aprendizados são desenvolvidos na dimensão narrativa. Procurar entender como se educa e como se aprende um modelo tradicional de feminilidade é procurar entender que:

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. [...] A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". [...] É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? (LOURO, 1997, p. 63).

Preocupar-se e atentar para essas questões, as questões da diferença e desigualdade, é fundamental para nós mulheres, pois ao assimilarmos padrões do que caracteristicamente deveríamos entender sobre ser mulher, estamos assimilando também, através desses padrões, diferenças políticas, comportamentais, econômicas e assimilando gestos e expectativas atribuídas a nós através de relações de poder conscientes e inconscientes, ainda de dominação masculina (BOURDIEU, 1999).

Os textos a seguir, de cada participante escolhida, serão analisados dentro dessa perspectiva, a perspectiva de observar se esse aprendizado de gênero feminino se deu tanto na infância como também continuou a dar-se durante o desenvolvimento dessa menina em mulher adulta, se o que foi aprendido e apreendido através da boneca na infância se perpetuou durante a trajetória de vida dessas mulheres e como ajudou a definir suas identidades femininas, identidade de mulher.

Para que nada se perca e para que possamos compreender os textos na ordem em que eles foram elaborados, eles serão inclusos na íntegra e serão analisados em seguida. Assim, o/a leitor/a poderá também realizar suas próprias análises tendo em mãos o material por completo de cada participante.

3.2. Loira.

3.2.1 Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?

A mulher ela é um bem precioso para os homens. Ela merece e necessita de carinho, amor e se sentir satisfeita com as coisas que a rodeiam. Bom, mas também não estou aqui para falar das mulheres e sim como eu me sinto por ser mulher. Talvez privilegiada, por ser só eu de filha mulher. Os pais sempre são protetores com sua filha e as cuidam até quando ficam mais velhas.

O lado ruim de ser mulher, é quando a famosa TPM chega. O sentimentalismo, a raiva, o estresse, as dores e etc. Tudo que venha causar dor e angústia. Mas todo lado ruim, tem seu lado bom. O prazer de ser mãe, sentir que aquele filho foi você que carregou, o lado de ser vovó, enfim, nós mulheres também somos proporcionadas com coisas boas.

A bipolaridade, sempre está presente na vida das mulheres. Eu por exemplo, bipolaridade era pra ser meu nome. A raiva bate e depois finjo que nada aconteceu. A vontade de amar e também ser amada. Nos dias de hoje as mulheres preferem mais apanhar do que ser felizes. Apanham de seus companheiros e não falam ou fazem nada. Eu por ser mulher, sou a favor da “lei Maria da Penha”. Homem que bate em mulher não é homem e sim covarde. A mulher, ela carrega com si até um dom, dom de ser mãe. Um filho é um presente que a mulher recebe para criar e brotar um amor infinito.

Eu por ser mulher vejo muito o lado bom da vida e o ruim também. Mulher consegue aquilo que ela quer, corre atrás dos sonhos e são bem aceitas na sociedade. Se antigamente eram escravizadas, hoje elas, ou melhor, nós, somos cuidadas. O emprego ficou “melhor”, ela passou a ser vista e respeitada como um jarro que não pode ser quebrado. Eu por ser mulher, 19 anos, vejo que é bom sermos mulheres, porque além de termos cabelos grandes, unhas, sabemos que somos importantes para as pessoas que vivem em sociedade. Como se diz: fomos inclusas!

Loira, inicia afirmando que a mulher é um bem precioso para o homem, portanto que, sua vivência como mulher está intrinsecamente relacionada ao gênero masculino. Ela se reconhece mulher na medida em que se reconhece no seu diferente. Segundo (WOODWARD, 2012, p. 10), “os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência” e, conseqüentemente, no processo de socialização as mulheres acabam assumindo a posição de “segundo sexo” referente ao homem e acreditando que a principal função de sua vida como mulher é servir ao homem ou, como a própria participante diz no texto, ser um bem precioso para ele.

O que podemos constatar é que muito dessa crença acaba limitando os modos de ser e de viver das mulheres. Escolhas profissionais e individuais cotidianas geralmente sofrem transformações profundas e até mesmo interrupções, mudando drasticamente a vida das mulheres às vezes de forma irreversível, no contexto das relações de subordinação.

Ainda no primeiro parágrafo ela enfatiza que as mulheres devem ser bem tratadas para que assim possam se sentir satisfeitas e essa afirmação é certamente consequência de uma educação recebida na família, ou seja, um tratamento recebido do pai (como veremos mais à frente). Sua referência é basicamente sua relação com o pai, que a trata com o cuidado e a proteção que geralmente se acredita necessitar a mulher, o que implica a crença na fragilidade feminina. Loira aceita que as mulheres devem ser cuidadas pelos seus pais até mesmo quando mais velhas. Ser filha única mulher pode ser, neste caso, um ponto crucial para que este tipo de relação fosse estabelecida.

Logo após ela apresenta pontos que ela considera negativos e positivos no que tange a ser mulher e, conseqüentemente, estes pontos se relacionam às questões de corporeidade. O lado negativo seria o fato de ter TPM (tensão pré menstrual) e as consequências físicas naturais do ciclo menstrual, sentimento bastante frequente entre as mulheres, segundo minha observação. Geralmente não somos ensinadas a entender nosso corpo e as transformações e variações que ocorrem com ele e procurar saber lidar da melhor forma possível com fases como essa. Mas, ao mesmo tempo em que há a queixa sobre o período menstrual, Loira coloca que mesmo sendo para ela algo desagradável, a mulher pode ter outros momentos especiais como o de poder gerar um filho e ser mãe,

ou seja, a socialização da maternidade, como algo bom e prazeroso. Mas a pergunta que se deve fazer sempre é se o desejo de ser mãe decorre de um tipo de socialização que induz as mulheres a acreditar que ser mãe faz parte de um ciclo natural ou se esse desejo é pensado e consciente. Dessa forma, entendemos que o corpo não é apenas uma representação do individual, mas

fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade [...] Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. (LE BRETON, 2007, p. 7).

A seguir a participante irá relacionar o ser mulher às relações afetivas com o sexo masculino e, conseqüentemente, às possibilidades de agressão contra as mulheres ocorridas nessas relações. As violências sofridas por mulheres são uma constante e a cada dia crescem as denúncias e registros, culpando-se ainda a vítima pelos maus tratos sofridos. Muitas mulheres não percebem, mas ao acreditarem que ser “bipolar”, louca, nervosa ou qualquer tipo de adjetivo negativo atribuído à mulher, elas dão motivos para que seus companheiros venham a menosprezá-las e agredi-las.

Quando a participante afirma que muitas mulheres “preferem” apanhar, é porque a socialização de gênero as faz acreditar que a culpa da agressão masculina é delas e que há até mesmo um consentimento delas com relação à violência sofrida. A luta de muitas mulheres contra essas violências, expressa pela lei Maria da Penha, citada pela participante, impulsiona muitas mulheres a repensar o seu papel como mulher em uma relação. As posições de não submissa ou de alvo de violências cometidas pelo companheiro aparecem no texto da participante, mesmo que dúbio; ela entende que um homem que comete violência contra a companheira ou qualquer outra mulher na verdade é um covarde e tem que ser punido.

Loira acaba enfatizando que a mulher não deve passar por violência porque é ela que tem o dom de ser mãe e por isso deve ser preservada. Ou seja,

compreende-se que para ela o sentido mais importante de ser mulher é, acima de tudo, o papel de mãe e gerar uma criança.

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. [...] A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. (LOURO, 1997, p. 24).

Finalizando o primeiro texto, destaca-se ainda um ponto em contrassenso. Mesmo acreditando que as mulheres conquistaram muitos avanços, muito do seu discurso nos faz ver que ela acredita que muitos desses avanços na verdade não foram conquistados, mas recebidos. Quando ao final do texto ela diz que fomos inclusas e que o emprego melhorou e que não somos mais escravizadas é como se ela acreditasse que tudo isso foi recebido pelas mulheres.

3.2.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.

De início irei falar sobre a minha primeira boneca. Quando eu tinha 3 anos, meu pai havia comprado uma boneca um pouco parecida com a Barbie, mas não era a Barbie (risos). Lembro também que eu a chamava de “bonita”, porque eu falava que ela parecia comigo. Eu tinha muito ciúmes dela e não deixava ninguém brincar, pois tinha medo que alguém pudesse quebrar. O tempo foi passando, fui crescendo e cada vez mais gostando de bonecas. Aos meus 4 anos, já tinha ganhado várias bonecas. Eu dava banho, escovava os “dentes” e brincava de escolinha. Pode parecer algo sem sentido, mas as minhas bonecas eram as alunas e eu a professora. Tinha quadro, giz, entre outros materiais que utilizamos hoje, tais como: “lápiz e papel”. Juntava eu e minhas primas com as bonecas e ali brincávamos juntas. Toda vez que eu ficava doente eu falava para o meu pai “meu remédio é uma boneca, traz painho (risos)”, nem sempre ele trazia, mas era uma felicidade só quando eu ganhava. Um dos meus sonhos quando pequena, era ter uma boneca que falasse, andasse e que fosse do meu tamanho, mas não existia antigamente.

A boneca ou até mesmo os brinquedos em si, são importantes na vida das crianças. A importância das bonecas é bom para as meninas, principalmente aquelas que não têm amigas, se sentem sozinhas. A boneca pode servir para ser uma companhia no dia-a-dia ou até mesmo nas horas de dormir. Alguns meninos têm até preconceito, mas dá para brincar sim, não precisa ser necessariamente de boneca. Existem bonecos também! Confesso que quando eu vejo algumas das minhas alunas brincando, dá vontade de brincar também. As lembranças me vêm na mente e por isso parte essa vontade (de voltar a ser criança). Digo isso porque na escola que trabalho existe o dia do brinquedo. Daí então as meninas sempre levam bonecas.

Antigamente as bonecas não vinham com mamadeira, escovinha... E hoje existem bonecas tão perfeitas que parecem verdadeiras, e dá até para se confundir com um bebê, estão virando uma verdadeira obra de arte. Essas bonecas que vêm com escovinha, mamadeira... É bom! Isso se torna importante, pois as crianças trabalham a higienização que elas aprendem, como: banho, escovar os dentes, pentear cabelo. Na época da minha primeira boneca, não existia nada disso. Não existiam essas bonecas “perfeitas”, que falam e andam.

Hoje já não tenho mais a minha primeira boneca, com o passar do tempo foram aparecendo outros interesses e confesso que não tenho mas nenhuma guardada.

O segundo texto traz a relação da participante com sua primeira boneca, Vale observar que em todo o texto a relação de proximidade com o pai fica explícita, em nenhum momento a participante menciona a figura da mãe, inclusive o pai foi quem a presenteou com a primeira boneca e com outras no decorrer de sua infância.

O nome da boneca é bastante sugestivo “Bonita”, uma característica que a participante diz reconhecer pela mesma com 3 anos de idade. Isso sugere uma preocupação estética, tão importante no reconhecimento de sua identidade de mulher.

Aos 4 anos ela tinha várias bonecas, mas não eram suas filhinhas, contradizendo a ênfase na maternidade, encontrada no seu primeiro texto. As bonecas eram uma alusão a uma amiga, ou alunas. As profissões atribuídas às mulheres são, em especial, voltadas ao contato com crianças ou ao cuidado, e nesse caso se insere a brincadeira de professora, que ela desenvolvia com as bonecas junto a outras meninas, suas primas.

Ela vê a boneca como um elemento importante na vida das meninas, como uma amiga e como uma companhia. Conta que na escola em que ensina as alunas no dia do brinquedo levam bonecas. Por que só as meninas levam bonecas e não os meninos também? Ela atribui preconceito aos próprios meninos em não querer brincar com bonecas, mas diz que eles não necessariamente precisam brincar de bonecas (figuração de mulher) mas de bonecos (figuração de homem). Ou seja, vemos nesse relato que cotidianamente, em todos os espaços, inclusive o escolar, as modalidades de gênero binário estão continuamente sendo ensinadas e aprendidas.

a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência. (LE BRETON 2007, p. 9).

Sendo assim, podemos concluir que esse aprendizado que ocorre na infância, se não for devidamente questionado, se repetirá e se (re)afirmará continuamente no decorrer da vida das pessoas, chegando à vida adulta.

Ao final do texto Loira expõe que não tinha conhecimento das bonecas que vinham com funções, como as bonecas bebês que tem acessórios como mamadeiras, fraldas, escovas de dentes etc. Ela dá importância a esses brinquedos pois na sua visão essas funções ensinariam às crianças noções de higiene e cuidado. Mas se só os meninas brincam de boneca, como os meninos aprenderiam essas noções de cuidado e higiene com o corpo se eles não têm acesso a esse tipo de “brincadeira”?

Em nossas sociedades, por exemplo, tanto a menina como o menino podem ser educados conforme uma predestinação social que, de antemão, lhes impõe um sistema de atitudes que corresponde aos estereótipos sociais. [...] reforçada

ainda pelos jogos e brinquedos com os quais as crianças se divertem [...] A configuração distintiva dos sexos prepara [...] o homem e a mulher para um papel futuro dependente dos estereótipos do feminino e do masculino. [...] A interpretação que o social faz da diferença dos sexos orienta as maneiras de criar e educar a criança segundo o papel estereotipado que dela se espera. (LE BRETON, 2007, p. 67).

Compreende-se, assim, que mesmo inconscientemente e sem observar, Loira como educadora de crianças não percebe que a educação de gênero está sendo desenvolvida com elas. A aprendizagem do cuidado com o corpo de um suposto bebê está sendo destinada apenas às meninas. É o que se espera comumente na sociedade, que esse papel de mãe e cuidadora seja atribuído às mulheres e não aos homens.

O conhecimento das relações de gênero (conceito e implicações) é imprescindível quando se enfocam temas como corpo, brinquedos e brincadeiras, formação da identidade da criança, oportunidades de aprendizagem, o cuidar e a identidade profissional docente, especialmente no nível inicial de escolarização. (CARVALHO, 2010, p.79).

Ou seja, não só como mulher, mas como educadora, seria importante para que essas percepções de aprendizagem de gênero fossem refletidas por Loira em seu dia a dia. Encerrando o texto, ela diz que com o tempo seus interesses foram mudando e que hoje ela não tem mais nenhuma boneca, ao mesmo tempo em que ao ver as alunas brincando sente vontade de fazer o mesmo.

Mesmo sendo adulta, a memória da infância ainda é muito nítida em sua vida, mas Loira em momento algum apercebe-se de algum tipo de aprendizado de gênero que, não só como mulher, mas também agora como educadora precisa ser questionado.

3.2.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).



Boneca Loira. Foto realizada na oficina de bonecas.

Fonte: Arquivo pessoal

Bom dia! (riso) A minha boneca eu escolhi o cabelo loiro por causa do meu cabelo. O nome dela é, vai ser Loira, Loira, Loira, e assim... ela ficou meia patricinha, porque o povo diz que eu sou patricinha, só que eu não acho. Mas é “metida”, né? (riso falando em relação à boneca). Então, é isso.

Gente, deu trabalho demais, eu não sabia nem costurar, nunca peguei numa agulha assim, sabe? Foi muito trabalho, mas eu amei, amei. Eu vou guardar pra mim, até vou lembrar da disciplina por conta da boneca também, das professoras (pesquisadora e orientadora), vai ficar marcado na minha vida, vou dar ela pra minha filha que eu vou ter (riso). E o olho, porque eu sempre quis ter olho azul ou verde, mas assim... amei, amei a experiência e é isso.

Na observação desses documentos, a imagem da boneca feita. As perguntas realizadas na oficina foram o porquê delas terem feito a boneca com

tal aparência, se elas tinham dado um nome à boneca e o que acharam de sua participação na oficina.

O primeiro ponto é a escolha da cor do cabelo e, conseqüentemente, o nome dado à boneca. Quando observamos a cor do cabelo e a cor da “pele” da boneca vemos um contraste, pois a boneca é loira e a pele é parda. A participante se auto representou na boneca, mas a boneca difere um pouco das características físicas da participante que, apesar de se reconhecer como parda, tem pele mais clara.

O cabelo da boneca é loiro porque essa é uma característica física da participante, mas no caso da participante o cabelo loiro não é natural, é tingido por escolha dela. Consideramos que “Loira” seja uma característica importante para ela, pois a nomeação da boneca se dá justamente por causa dessa característica, assim como ela nomeou sua primeira boneca de “bonita” por reconhecer essa característica física em si própria.

Outra questão visual são os olhos. Os da boneca são azuis, mas a participante diz que gostaria de ter olhos dessa cor ou verdes, quando de fato tem olhos castanhos, mas mesmo a boneca sendo uma representação sua ela transpôs na mesma desejos de uma imagem que não pertence a ela. Nesse ponto ela não foi fiel à realidade, mas quando ela aponta que fez a boneca “toda patricinha”, mesmo ela não se considerando assim, embora os outros falem que ela seja, ela acaba aceitando uma aparência e característica comportamental atribuídas a ela por terceiros.

Ainda sobre a aparência, podemos perceber que mesmo em se reconhecendo parda, a fuga em direção a um padrão de beleza pré-estabelecido pela sociedade como desejável faz parte de sua busca pela auto aceitação como mulher. A insatisfação com o próprio corpo ou aparência, tão comum entre mulheres, lembra que o gênero feminino e o ser mulher estão intrinsecamente ligados às questões de beleza e feminilidade. Se desvencilhar das amarras que o gênero impõe não é tarefa fácil. “Imaginar um mundo sem gêneros, causa perplexidade, pois para muitas mulheres, de todas as idades, gênero é charme, é parte importante de sua expressividade corporal e identidade.” (CARVALHO,

2010, p. 85), e nesse caso, vemos que as questões estéticas são importantes no seu reconhecimento de identidade de mulher.

Sobre sua participação na oficina, Loira a enxerga de forma positiva, mesmo não tendo habilidade manual, para costura, uma competência indispensável às mulheres do passado. Mas deixa evidente o desejo de guardar a boneca para dá-la de presente a uma filha, caso venha a ter uma. O desejo de gerar uma criança, recai no desejo de ter uma criança que venha a ser do sexo feminino e consequentemente socializada como mulher, sendo então presenteada com a boneca elaborada na oficina. Um ciclo repetido, ensinado e aprendido.

3.3. Rosa

3.3.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?

Poderia definir todo esse sentido em uma só palavra: Injustiçada!

Desde sempre me senti assim e principalmente na minha residência onde meu pai é super machista e tem uma visão antiga em que “homem pode tudo” e “mulher não pode nada”.

Ele pensa que eu não tenho a mesma capacidade de fazer certos tipos de coisa que somente os homens podem fazer, acredita que eu não sei me cuidar sozinha, quer tomar decisões por mim...

Pode uma coisa dessas? Eu com 23 anos ainda não sei o que é melhor pra mim? Tenho dois irmãos e os mesmos foram criados sempre soltos sem limite de hora e lugares para saírem e voltar pra casa. Os dois já tiraram suas carteiras de motorista e eu até o exato momento fico esperando a boa vontade do meu pai me ensinar a dirigir ou me colocar em uma auto-escola. Eu sempre fui muito presa em casa e apesar de morar na cidade de João Pessoa há mais de 13 anos têm lugares que não sei nem aonde ficam. Nas escolas em que passei o fundamental e médio não senti nenhum tipo de preconceito por parte das pessoas. Também né? Eu fiz o magistério e ensino-médio ao mesmo tempo com duração de 4 anos. O meu próprio pai que me matriculou no

magistério pois neste tempo eu era de menor e não tive a opinião de escolher uma escola que somente fosse ensino-médio.

Após todo esse acontecimento está aí a questão de eu ter escolhido Pedagogia. Por algum momento penso que fui bem influenciada pelo meu pai por não ter liberdade de escolha, porém hoje gosto do curso, que faço e pretendo dar continuidade no futuro talvez com uma especialização na área de psicologia.

Atualmente até então na universidade me sinto bem como mulher pois nas aulas dos diversos componentes curriculares tenho minha liberdade de expressão diante de algo debatido, posso dizer que estou crescendo muito e tenho muita fé que vou criar minha independência própria e mostrar que posso sim, e todas as coisas que já falei através de discussões com meu pai pelo seu pensamento machista, eu vou superar meus limites e mostrar para o próprio que sou capaz.

Mesmo diante de todas as dificuldades que passo que não são poucas, e se eu for contar aqui vou traumatizar o leitor deste meu relato (risos). Problemas quem não tem afinal? Concluo somente que embora todos os problemas, me sinto uma mulher feliz e agradecida pois Deus me dá a cada novo dia a chance de fazer diferente.

Rosa é plenamente consciente do que acontece em sua vida por causa de sua condição de mulher. Aos 23 anos (na data do relato) ela diz se sentir injustiçada pelo fato do pai tratá-la diferente do que trata os irmãos, dando a eles liberdade e cerceando a sua. A condição de mulher em nossa sociedade faz com que muitas de nós percam inúmeras oportunidades de se desenvolver em diversos âmbitos. A ideia que seu pai tem sobre a diferença entre homens e mulheres faz com que os irmãos sejam pessoas mais autônomas e tenham mais oportunidades do que ela, que é limitada pelo poder do pai em suas ações e escolhas.

Os primeiros exemplos colocados por Rosa são que os irmãos podem sair para onde quiserem e chegarem a hora que quiserem, e ela não; o pai toma decisões sobre a vida dela, porque a compreende incapaz; os irmãos têm habilitação de motorista, enquanto ela não. Se ela não tem a liberdade de ir e

vir, ela deixa de conhecer pessoas, lugares, eventos, oportunidades passadas que só em algum tempo futuro ela possa recuperar aos poucos. Cada gesto que o pai exerce sobre sua vida é, além de simbólico, bastante concreto.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p. 41).

Em sua vida escolar e acadêmica, Rosa também sofreu interferência da educação machista exercida pelo pai. Ela diz que não sentiu preconceito por ser mulher no Ensino Fundamental e Médio, mas é possível que ela simplesmente não tenha se apercebido de acontecimentos sexistas simplesmente pela socialização de gênero familiar.

a socialização diferencial das meninas, voltada para a passividade e a submissão, é desejada e recompensada pela escola, e como elas são simultaneamente estimuladas à conformidade e ignoradas em suas necessidades pedagógicas. (CARVALHO, 2008, p. 3).

É plausível a hipótese de que ela sentisse a repressão sobre sua condição de mulher tão fortemente em casa, que a escola, acabava por ser um lugar de menos tensão e de mais liberdade para ela.

Outra interferência do seu pai em suas escolhas se dá particularmente nessa fase escolar, quando, o pai resolve, inscrevê-la no Magistério ao invés do Ensino Médio regular, sem consultá-la. É cultural e esperado ainda que as mulheres da família exerçam profissões voltadas à educação e ao cuidado. Inscrevê-la no Magistério era para o pai uma escolha “natural”.

Os papéis e identidades do homem e da mulher no trabalho e na esfera pública em geral continuam sendo definidos como extensão dos papéis biológicos/sexuais, portanto, naturalizados. As mulheres seriam mais competentes/pacientes nas funções de cuidado, de conotação afetiva e moral: professoras, pediatras, enfermeiras, psicólogas. (CARVALHO, 2008, p. 3).

Quando fala da escolha do curso superior, Rosa sabe que seguiu o destino traçado para ela pelo seu pai, que a escolha do curso de Pedagogia foi

consequência direta das escolhas que fizeram por ela durante sua vida pregressa e que provavelmente no momento da escolha ela não tenha refletido sobre isso, mas somente depois de realizá-la. “É preciso afirmar continuamente que gênero é uma construção cultural, social e educacional que resulta em desigualdade, subordinação, opressão e sofrimento humano”. (CARVALHO, 2008, p. 1).

O ponto positivo é que ela se identifica com o curso que escolheu e que vê através dele uma possibilidade de crescimento profissional, quando pensa numa especialização. E mais importante: a universidade é para ela um lugar de empoderamento, lugar de fala, lugar de construção de autonomia. Quando não se tem o mínimo de autonomia, liberdade e escolha, começar a tecer reflexões sobre essa condição e começar a buscar alternativas de mudança é um grande passo na vida de uma mulher.

Vale salientar que muitas mulheres passaram e ainda passam por experiências como a de Rosa e que, por conta da falta de liberdade de escolha, deixaram de exercer atividades importantes não só para a vida delas, mas para a sociedade de forma geral. Quantas cientistas perdemos todos os dias? Quantas mulheres deixam de adentrar o mundo da política? Quantas de nós deixamos de desenvolver todo o nosso potencial por falta de oportunidades e por essas oportunidades serem tiradas de nós? As imposições do gênero marcam não só o corpo, mas todas as escolhas e fazeres que são atribuídas às pessoas, mulheres e homens. “Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 9).

As imposições e restrições sofridas por Rosa pela mão do pai se dão exclusivamente pelo seu sexo, pelo seu gênero. Ela é mulher, é diferente dos irmãos, pode menos do que eles, o seu reconhecimento se dá não como pessoa, mas como mulher.

É fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. [...] O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a

partir do lugar social que ocupamos. [...] Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" (LOURO, 2000, p.12).

Finalizando o texto, Rosa compreende que, como mulher, passa por inúmeras dificuldades diariamente para se fazer ouvida e realizar suas vontades. Apesar de tudo, gosta de ser mulher pois sabe que, mesmo atravessando essas dificuldades, ela tem a possibilidade de mudança e realização dos seus desejos.

3.3.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.

Minha primeira boneca, e uma outra amiguinha mais que especial

Sobre a minha primeira boneca que ganhei com 8 meses de vida e ainda tenho ela, na verdade ela é uma miniatura de um bebê que usa fralda azul e quando você dá corda na barriguinha dela girando e coloca ela no chão ela sai engatinhando balançando o bumbum. Hoje em dia ela não funciona mais, porém tenho ela guardada comigo na estante do meu quarto. Muitas, muitas coisas eu não tenho a relatar sobre ela, mas sei que brinquei muito, quando estava um pouco maiorzinha, a coitada levou tanta corda que hoje não balança mais o bumbum e já dei tantos banhos nela que a sujeira que ela tem já não se tira mais. Também né? de 1991 a 2014 é de se admirar que ela ainda esteja sobrevivendo. (risos).

Guardo a mesma com bastante cuidado, pois quando tiver uma filha mulher quero poder mostrar qual foi a minha primeira boneca que a ganhei como já retratei, quando tinha apenas poucos meses de vida, e só sei o tempo certo que ganhei ela pois quem me falou foi minha própria mãe.

Como eu não tenho uma história longa para contar a respeito da minha primeira boneca quero falar um pouco a respeito de uma boneca que tive, hoje não tenho mais ela, porém foi uma "amiguinha" muito importante para mim.

A primeira vez que a vi foi em um comercial de televisão, muito linda, tinha roupinha rosa com outra cor que não me recordo no momento, Maria Chiquinha nos cabelos, era loira e usava patins e um walkmann até com fones de ouvido.

O nome dela era Lulu Rone, não fui eu que coloquei, o próprio comercial havia a fabricado com este nome, funcionava a pilha e nas costas tinha um

botão no qual você ligava ela, colocava em pé no chão e a mesma saia patinando, vez perdida quando o chão não era plano ela caia, continuava a balançar as pernas e eu a levantava outra vez. Sei que tive um apego muito grande por ela, onde ia, quando viajava, sempre levava ela para todos os cantos em várias situações e apesar de ter outras bonecas brincava somente com ela.

Algum tempo depois... Teve um dia em que as perninhas dela deram problema e ela não andava mais. Sei que chorei muito e a minha mãe pra me agradar foi inventar de colar as pernas da boneca com Super Bond. Me recordo bem que quando vi as perninhas coladas pensei que ela tinha voltado a funcionar, mais ao ligá-la só escutava o barulhinho do motor de dentro dela sem funcionar. Foi tristeza total...

Onde eu havia de encontrar outra companheira que nem ela? Lembro que meu pai oferecia outras bonecas, mais não queria nenhuma, só quisera ela e mais nenhuma outra.

O tempo foi passando... eu cresci, e me conformei com as lembranças de uma grande amiga que tive enquanto criança, posso afirmar que lembro com clareza de como era e de todas as brincadeiras e lugares que levei ela. Hoje creio que ela só exista em minha memória, não me lembro do paradeiro dela, pois eu enquanto criança morei em São Paulo e vim para João Pessoa, já estava maior, perguntei a minha mãe sobre, mais ela não recorda o que aconteceu com esta boneca, provavelmente ela fez uma doação, pois lembro que na nossa mudança ela deu muita coisa para uma família de uma menina mais pobre que estudava comigo a primeira série. Não sei se esta boneca esteve inclusa, mais ao lembrar dela agora fica um mistério de onde estaria o paradeiro dela. Sei que nas minhas memórias ela está bem guardadinha, algo que ninguém jamais vai tirar.

Bem... no início é a história de recordação de uma primeira boneca, na qual não tive muito o que relatar, e de uma segunda amiguinha na qual não esqueço e que marcou bem a minha infância.



Fonte: Imagem da primeira boneca cedida pela participante

Rosa teve uma primeira boneca bebê, que guarda até hoje, mas a segunda é que foi mais significativa em termos sentimentais. Pelo relato tinha, um aspecto de criança e, dessa forma, era considerada por ela como uma amiga.

Neste texto, ao contrário, do primeiro aparece a referência à mãe como alguém que conhece aspectos de sua infância não rememorados por ela mesma. Mesmo sendo um relato de memória individual, alguns pontos podem ser tidos como aspectos de uma memória coletiva, principalmente quando os acontecimentos dão-se no espaço familiar.

Assim como a primeira participante, a ideia de passar à frente uma boneca dela para uma filha MULHER, também é considerado. Parece que no processo de aprendizado de gênero, a ideia de que esse aprendizado deve ser passado adiante a uma filha tem na boneca um símbolo marcante de transmissão. Nunca é esperado que o filho HOMEM venha receber esse artefato, pois não se considera que a boneca seja algo significativo na infância e na vida dos homens.

Para Rosa, a boneca Lulu Rone materializou uma relação de amizade profunda da menina para com a boneca. Ela é filha única mulher, mas ao contrário de Loira, a sua relação afetiva com o pai não era mais próxima do que com a mãe. A boneca então serviu como uma companhia, uma amiga que faltava. Quando a boneca quebrou o pai ofereceu outras em substituição, e a

mãe, numa tentativa frustrada, tentou consertá-la para que assim a filha continuasse a ter sua amiguinha.

É importante destacar que Lulu Rone era uma “amiga” muito ativa, patinava, e ouvia música com um “walkman” e fones de ouvido. Essa imagem da boneca evoca liberdade de movimento e conexão com outros mundos através da tecnologia.

Uma pergunta que pode ser feita é: a boneca fez parte da aprendizagem de gênero da participante? A força do pai com suas imposições e machismo, é uma influência decisiva nesse aprendizado. Como mulher, a boneca lhe foi apresentada como um elemento do universo feminino. A importância que a boneca teve foi mais sentimental no sentido de preencher ausências e carências de companhia que a participante sofreu na infância e, nesse aspecto, a presença da boneca em sua infância pode ser vista como algo positivo.

3.3.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).



Boneca Rosa. Foto realizada na oficina de bonecas.

Fonte: Arquivo pessoal

A minha boneca, antes de fazer ela já imaginei em casa (riso), eu peguei esse tecido aqui que foi do short da minha mãe (riso), coloquei cabelo rosa – o nome dela é Rosa – porque o que mais destaca nela é o cabelo. E minha mãe é louca por boneca porque na infância dela ela não pôde ter, e hoje ela coleciona.

Quando chegar em casa eu vou dar pra ela (riso). É... olhos verdes, porque eu queria ter olhos verdes (riso). Eu acho que só.

Pesquisadora: E a experiência?

Ah! Foi muito bom, a manhã passou assim ó (estala os dedos), bem legal, gostei, achei muito legal, divertido. (riso).

Vemos que antes de confeccionar a boneca na oficina, Rosa pensou nas características dela previamente. Apesar do relato ser sucinto, é significativamente simbólico ao constatarmos que ela uniu aspectos desejados por ela sobre si e aspectos referentes à mãe. Ou seja, a boneca é uma representação simbólica de sua relação afetiva com a mãe, a começar pelo tecido da roupa da boneca que foi retirado de um short de sua mãe. Nesse ponto, cabe uma observação: quando avisamos às alunas sobre a data em que seria realizada a oficina de bonecas em sala de aula, pedimos que elas trouxessem de casa alguns materiais que elas gostariam de colocar na boneca, algo significativo, e assim foi feito por algumas. Além de roupa, Rosa também trouxe de casa o cabelo da boneca.

Trazer um tecido retirado especificamente de um short da mãe é mostrar a importância afetiva que ela intencionou transmitir através da boneca. Sobre o cabelo, não ficou claro o motivo da cor, mas sugere irreverência, transgressão ou quebra de padrões, pois rosa é uma cor vibrante e chamativa, deixando a boneca com um aspecto mais lúdico.

Quando Rosa diz que a boneca foi feita para presentear a mãe, ela aponta que o seu laço afetivo familiar se dá com o elemento feminino principal da sua

família. Ela não necessariamente pensou em si ao elaborá-la, mas sim no quanto a mãe, que gosta de bonecas e as coleciona, ficaria feliz em receber a boneca de presente.

Por fim, destacam-se os últimos aspectos da boneca, cor da pele e olhos. Nestes pontos a participante coloca algo de si, pois é branca e loira, sendo assim ela representou a cor da pele da boneca seguindo a referência da sua. Sobre os olhos vemos novamente, assim como no caso da primeira participante, o desejo de ter os olhos verdes, o que não é característica da participante. Isso remete novamente à ideia de uma insatisfação corporal e um desejo de ter aspectos visuais diferentes dos que se tem.

Sobre a oficina, mais uma vez, a participação nela foi sentida de forma positiva e na medida em que o laço afetivo dela com a sua mãe pôde ser expressado.

3.4. Emília

3.4.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?

A questão abordada nesse contexto se refere a “como eu me sinto como mulher”. Me parece um assunto polêmico devido à complexidade do tema, afinal falar de si mesmo é, por vezes, muito complicado, no meu ponto de vista. Poderia começar esta narrativa dizendo que me sinto muito bem sendo uma mulher, mas isso é muito pouco perto do que sinto na realidade.

Eu diria que ser mulher, no meu caso específico, não é nada fácil. Talvez outras mulheres também passem pelas mesmas situações que eu passo, mas falando de minha pessoa em específico, venho abordar diversas contradições que entoam o meu ser. Desde o meu nascimento até o momento em que passei a me entender como gente, não sabia nada e não sentia nada porque não entendia o mundo em que eu vivia, mas foi a partir do momento que comecei a me reconhecer como gente que minha vida se transformou. Os meus primeiros pensamentos sobre o mundo, segundo os ensinamentos de minha mãe, eram o de me casar, ser mãe e ser dona de casa. Mas ao longo da construção de meus conhecimentos fui me percebendo muito além dessas convenções padronizadas de sociedade.

Comecei a sentir que eu tinha o poder de dominar a minha própria vida conforme os meus sentimentos e conhecimentos que fui adquirindo como mulher. Eu não achava que só porque eu era mulher eu tinha que obedecer um homem e ser uma mulher submissa. Comecei a me sentir importante, pois eu tinha inteligência suficiente para dar rumo a minha vida sem precisar que alguém me dissesse o que fazer. Comecei a me dar autonomia, ser uma pessoa independente, livre, gostar da vida, e sempre me dispus a enfrentar os desafios que a vida me colocava à frente.

Sempre fui uma mulher disposta, querendo aprender de tudo um pouco, o mundo pra mim era o limite, afinal conhecer coisas novas sempre foi o meu forte, adoro fazer amizades, procurar sempre melhorar como pessoa. Mas, às vezes, tenho vontade de ter nascido homem, porque odeio menstruar, sentir cólicas e ter TPM. Detesto quando os homens falam que mulher: não pode isso, não pode aquilo, nada faz direito, enfim, os jargões infelizes que utilizam para menosprezar nossa inteligência, competência e força. Além do mais, eu como mulher, sinceramente, não preciso de um homem para viver, enquanto que muito homem por aí não vive sem uma mulher enganchada no cós de suas calças (empregadas do lar e escravas do sexo).

Eu me sinto honrada em ser mulher porque sou uma lutadora, guerreira, determinada, desenrolada, feliz. Sou feliz com as pequenas coisas da vida, com os detalhes que muitas vezes ninguém percebe. Por acordar todos os dias e saber que sou capaz de fazer sempre algo novo, de aprender todos os dias, de fazer amigos, de amar a família, e principalmente de me amar acima de tudo. Me sinto muito bem como mulher e mesmo quando eu não quero ser mulher, eu sou mulher com muito orgulho! Contradições à parte, quem não tem as suas?

A progressão de empoderamento na fala de Emília, assim como nas falas de outras participantes, é visível. Todas afirmam que gostam de ser mulher mas, ao mesmo tempo vêm expor que passam por dificuldades por serem mulheres. Emília diz que em determinado momento de sua vida passou a se reconhecer como “gente” e que a partir desse reconhecimento foi que ela veio a se entender

como mulher limitada pelos padrões comportamentais de gênero, mas ao mesmo tempo capaz de se libertar.

“Historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles” (LOURO, 2000, p.18). E o gênero é construído com base no corpo sexuado. No caso de Emília, esse investimento disciplinar foi realizado pela sua mãe, para efetivar o domínio patriarcal. A expectativa era que ela direcionasse sua vida no sentido de ser esposa e mulher do lar/dona de casa. Mas cabe salientar que sua percepção de que essa educação de gênero era limitante foi entendida como algo negativo e sem horizonte que lhe possibilitasse decidir seus próprios rumos.

Assim, apesar das barreiras impostas pela educação de gênero, ao atentar para outras possibilidades de vivência, Emília entendeu que não seria por causa da sua condição de mulher que ela teria que ser submissa a um homem ou às normas e imposições sociais de forma geral. Entender que a mulher pode e tem liberdade de escolha abre um leque de possibilidades para se desenvolver em todas as áreas.

Mesmo tendo se tornado uma mulher mais empoderada e independente, as pressões do gênero se apresentam por vezes de forma negativa em sua vida. Assim como a primeira participante, a insatisfação com relação às fases naturais do corpo feminino como a menstruação, a TPM (tensão pré menstrual) e as cólicas, se fazem presentes. O fato de ser humilhada e diminuída pelos homens por causa de sua condição de mulher também a faz se sentir mal e desrespeitada. Quando afirma que gostaria de ser homem, compreendemos que, na verdade, ela não gostaria de passar pelas limitações e desrespeito infligidos ao sexo feminino.

Mas Emília acrescenta que acima de tudo é melhor ser mulher independente do que ser como muitos homens que tentam diminuir as mulheres com frases e atitudes negativas, mas na verdade dependem delas para muitas coisas. “É nesse sentido que o próprio uso do termo gênero, em vez de sexo, caracteriza uma opção teórica consciente, mas também uma posição política, que recusa a existência de uma natureza feminina ou masculina universais” (FACINA e SOIHET, 2004, p. 17). Trata-se de compreender que, independente

do sexo ou gênero, o mais importante é ser uma pessoa “guerreira, lutadora, determinada, desenrolada e feliz”, sem seguir imposições ou impor regras e padrões de gênero aos outros. Nesse sentido o investimento pessoal, se torna político no sentido da liberação.

Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2000, p. 20).

Assim, seu discurso finaliza enfatizando o quanto apesar de tudo ela se sente feliz e realizada em ser mulher, pois se sente capaz e orgulhosa de perceber que sua determinação em conseguir prosseguir sua vida possibilita felicidade mesmo em pequenos momentos, porque acima de tudo ela se ama como é e se ama por ser mulher.

3.4.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.

Meu nome é Emília (pseudônimo), tenho 39 anos de idade, sou casada e tenho três filhos e um neto. Pelo que me recordo sobre a história da minha primeira boneca, ela se chamava Emília, pois era a personagem do seriado do Sítio do Pica Pau Amarelo. Lembro-me vagamente que eu brincava com ela no quintal de casa com uma coleguinha de quintal, pois, eu, meus pais e minhas irmãs, morávamos de aluguel em uma vila de casas no mesmo quintal.

Não me recordo ao certo a idade que eu tinha quando ganhei a minha boneca, mas sei que eu era pequena. Tenho uma vaga lembrança de que a minha irmã que nasceu depois de mim era de colo ainda, então suponho que eu tinha, pela diferença de idade, entre quatro e cinco anos, e que ela costumava dormir nas costas do meu pai quando ele estava em casa dormindo no descanso do almoço, para depois ir trabalhar.

Eu sempre andava com ela para onde eu fosse e gostava de brincar com ela como se ela fosse a minha filhinha, inclusive dormia com ela, dizia minha mãe. Um certo dia minha mãe me chamou para entrar e esqueci a boneca no quintal e depois disso, procurei por todos os lugares, mas não consegui achar e fiquei sem a minha boneca. Depois vieram outras, mas nunca

esqueci de minha linda boneca de pano Emília, personagem das histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Fui crescendo e tomando consciência de que a boneca não tinha sumido e sim que tinha sido roubada de mim como me relatou minha mãe quando eu já era adolescente. Ela não tem certeza de quem tenha sido, mas ela imagina que tenha sido a minha coleguinha do quintal, pois a boneca sumiu no mesmo dia em que a minha coleguinha se mudara da vila em que morávamos.

Diante dessa experiência, analisando hoje, enquanto escrevo essas linhas, vem à cabeça o quão fora importante essa boneca na minha vida, pois nunca a esqueci. Vieram outras, mas nenhuma me marcou como ela, talvez porque ela tenha sido arrancada de mim tão bruscamente! O fato é que a boneca que me marcou e que guardo na lembrança, sempre tive vontade de dar às minhas filhas, mas por obra do destino ou não, nunca dei. Pra minha primeira filha dei um Bebesão gigante como primeira boneca, da qual não me recordo se ela deu nome pois eu trabalhava muito e não tinha tempo de dar a atenção que ela merecia na época; para minha segunda filha dei Barbie e também não lembro se ela deu nome pelo mesmo motivo da primeira, o trabalho; e para o meu filho dei um boneco de pano que desse sim sei o nome, porque eu já acompanhei melhor o crescimento dele.

Lembro-me até mesmo o dia em que comprei o boneco. Foi numa tarde ensolarada em São Paulo, quando fui com meu esposo ao Supermercado para fazer compras para uma Lanchonete que nós tínhamos, quando estávamos chegando ao caixa para pagar as compras me deparei com aquele boneco jogado numa cesta de devolução, e achei ele muito parecido com meu filho, e me agarrei com ele como se fosse ele, nem pensei e coloquei ele dentro do carrinho e levei-o para casa e dei para meu filho. De início comprei como um enfeite de berço, mas com o passar dos anos meu filho foi adotando ele pra si e se identificando com ele, foi crescendo e até hoje ele dorme com ele na cama, há algum tempo ele adotou o nome dele de Biscoito, não sei qual o motivo ao certo, pois ele disse que colocou esse nome de repente, sem motivo aparente. Acho saudável a relação que ele tem com o seu boneco.

São essas as lembranças que tenho sobre bonecas e acho muito importante esse objeto de estudo para compreendermos melhor os processos de ensino e aprendizagens através dos brinquedos, quais suas representações e o que podemos extrair do mundo infantil, para compreendermos o seu processo de desenvolvimento através das brincadeiras.

Em relação à aprendizagem de gênero através da boneca, podemos ver que neste caso, mesmo em tenra idade a participante tinha a boneca pra si como sua filhinha, já exercitando a maternidade.

Sua boneca era a clássica personagem das histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo, pela qual ela tinha grande apreço e que lhe foi tirada de forma repentina. Cabe observar o quanto o objeto boneca se faz importante e significativo na vida de muitas meninas, principalmente na vida daquelas que não as puderam ter. Supõe-se que a boneca Emília tenha sido levada pela colega vizinha que não tinha condições de ter uma boneca.

Apesar de ser uma mulher muito jovem, Emília tem duas meninas e um menino e também já é avó. Ela também relata a relação de suas filhas e seu filho com o objeto boneca/boneco. O curioso nesse relato é que ela presenteou o filho com um boneco. Geralmente as meninas, quando ganham bonecas, estas são (como já observamos) figuração de mulheres (em forma de bebê, de criança ou como a Barbie, uma mulher adulta). Já os meninos quando vêm a ser presenteados com essas figurações, são presenteados com bonecos.

Finalizando, ela apresenta seu ponto de vista sobre a relação das crianças com o objeto/brinquedo boneca, a importância dos diversos tipos de aprendizado que decorrem dessa relação e mostra que vê a/o boneca/a de forma positiva na vida das crianças.

3.4.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).



Boneca Emília. Foto realizada na oficina de bonecas.

Fonte: Arquivo pessoal

Olá gente! É, o nome da minha boneca é Emília, remetendo à minha primeira boneca, né? Que eu fiquei sem ela, não sei até hoje como, né? Então eu sinto muita falta dela e, assim, coloquei meio que tipo monstrelinha, porque... eu gosto das Monster High também, foi Ana até que me lembrou, né? (apontando para uma colega de sala).

É assim, meio rockeirinha também, ela tem o estilo meio rockeirinha, então, assim, a experiência foi ótima, eu gostei muito da experiência. Trabalhar com as colegas, fazer tudo em conjunto, né? Então assim, pra mim, ela tá perfeita, linda, maravilhosa. É isso!

Com relação à elaboração da boneca na oficina a participante fundiu na aparência da boneca diferentes tipos de referências significativas pra ela. Procurou remontar uma lembrança da sua boneca Emília perdida na infância. Nota-se que o cabelo da boneca é feito de linhas coloridas, assim como é o

cabelo da boneca Emília original, mas ela ressignificou colocando linhas de cores diferentes da boneca original, roupinhas de tons escuros e expressões faciais exageradas. Ela mesclou Emília com as bonecas Monster High, que têm características de monstros e um estilo de se vestir mais “rockeirinha”, como diz a própria participante.

Se formos ligar a aparência da boneca à aparência da participante vamos encontrar dois pontos em comum: fisicamente, a cor da pele e esteticamente/visualmente, o modo de se vestir. Assim compreendemos que a boneca é uma fusão da sua boneca Emília da infância, das bonecas Monster High e de si própria, que mesmo adulta se identifica com as características visuais da segunda boneca em questão.

Sobre sua participação na oficina, ela considerou positiva pois atividades como esta proporcionam um tipo de trabalho que pouco se faz na academia, em que as mulheres podem interagir umas com as outras, elaborando e falando algo de si, suas vidas e histórias. Encerrando, ela enfatiza que para ela, sua boneca ficou “perfeita, linda, maravilhosa”. Assim, ela mostra a satisfação tanto em ter participado do processo da oficina, quando pela possibilidade de representar, numa boneca elaborada por ela, tudo aquilo que é significativo em termos afetivos e simbólicos desde a sua infância até a vida adulta.

3.5. Maria

3.5.1. Primeiro documento: Como eu me sinto como mulher?

Antes de começar apresentarei um pouco do meu contexto familiar e de vida para que então fique claro o modo como me sinto sendo mulher. Bem, meus pais se conheceram no trabalho, minha mãe professora e meu pai o dono da escola. Uma relação muito linda, mas que com o passar dos anos foi passando por alguns problemas que ocasionaram a separação deles e foi a partir daí que comecei a me descobrir como um ser individual, com vontades, manias e jeito próprios. Até então apesar de ter tido muitas oportunidades sempre fui muito manipulada a ter como exemplo o modo de ser e pensar da minha irmã mais velha. Qualquer atitude contrária me causava desconforto e preconceito dentro da minha própria família. Não que todos assim quisessem,

no entanto, era a ideia que naquele momento predominava. Exemplo marcante dessa pressão na minha infância foi o fato de até poucos anos atrás eu mesma me mal dizer, me menosprezar pelo fato de não ser magra. Eu tinha vergonha de mim mesma e me achava horrorosa por não conseguir me manter no padrão estipulado pela sociedade e pelas mulheres da minha família como o padrão de beleza. Com a separação me vi dividida em dois mundos completamente diferentes, onde em um eu continuava sofrendo a pressão de ter que ser e pensar de um modo que não era particular meu e outro no qual me aceitava da maneira que eu era e me dada a liberdade de viver e conhecer o mundo sem preconceitos machistas. Por incrível que pareça, esse mundo foi o que encontrei com meu pai. As próprias mulheres que comigo conviviam, minha mãe e irmã, cortavam muito “minhas asas” no que dizia respeito a tudo relacionado a gênero. Eu tinha que ser meiga, inteligente, ficar sempre em casa, ser vaidosa, usar rosa e tudo mais. Tinha que usar as roupas do estilo que elas gostavam e viver numa dieta terrível para manter um corpo que não é naturalmente meu. Decidi, então, morar com meu pai e foi lá que me vi realizada como mulher, como pessoa. Meu pai me apoiava em tudo, no curso que eu queria, as roupas que eu queria sempre estavam perfeitas, eu mesmo mais gordinha sempre estava linda para ele. Minha autoestima começou a melhorar a partir daí quando eu comecei a perceber que não é pelo fato de eu ser mulher que eu deveria estar o tempo todo me vigiando para não deixar cair a máscara que eu sempre tinha que estar usando. Tirei a máscara e comecei a ser eu mesma, comecei a me achar linda do jeito que eu sou, indo para os lugares que eu gostava de ir e fazendo o que eu gostava de fazer, tudo ficou melhor na minha vida. Acho que deu para perceber como durante a minha vida, no âmbito familiar, me senti como mulher por boa parte dela, reprimida, transformada e sufocada.

Já no social só senti mais o peso do preconceito quando o meu pai faleceu e eu fui morar só. O fato de eu ser tão nova uma mulher independente, que trabalhava, estudava na universidade e morava só fazia com que muitos homens se aproximassem de mim não porque verdadeiramente gostavam de mim, mas pelo meu contexto. Uma mulher que sai de casa necessariamente tem que ser dada, rebelde, inconsequente ou algo desse tipo? Senti muito,

muito preconceito nesse momento da minha vida e ainda mais porque eu sabia que o pai de uma amiga minha deixava ela dormir na casa de todas as amigas menos na minha só porque eu morava só, como se isso diminuísse algo no meu caráter e reputação. O homem que mora só é admirado, a mulher sofre preconceito. Agora moro com meus avós que vieram de Minas Gerais para morar aqui em João Pessoa há três anos e sinto como os olhares já mudaram. A minha amiga que não podia dormir na minha casa agora de vez em quando passa o final de semana comigo e não fazemos nada diferente do que faríamos se estivéssemos na minha casa.

Infelizmente é assim que eu me vejo como mulher, apesar das muitas conquistas realizadas pelas mulheres ainda muito reprimida, mas com cabeça erguida para o que der e vier, porque para mim ser mulher não me torna inferior a ninguém, é uma pena que a sociedade ainda seja tão ignorante.

Neste caso de Maria, em sua vida houve momentos de ruptura nos quais ela reflete sobre como se enxerga e é vista como mulher. Primeiro foi a separação do pai e da mãe. Vivendo com a mãe e a irmã mais velha, ela se vê envolta numa educação de gênero que a sufocava e a fazia deixar de ser ela mesma. A mãe e a irmã, impunham a ela os padrões corporais e comportamentos esperados de uma mulher: magra, vaidosa e meiga. “A aquisição das técnicas do corpo pelos atores depende de uma educação quase sempre muito formalizada, intencionalmente produzida pelo entorno da criança” (LE BRETON, 2007, p. 43).

Depois, a partir da separação do pai e da mãe, a participante passa a viver duas realidades diferentes, um mundo repressor onde ela não podia ser quem realmente era e o outro no qual ela se encontrava como pessoa e tinha sua própria liberdade. O mais curioso é que o mundo no qual ela podia ser ela mesma era ao lado do pai, contrariando a expectativa de que as mulheres se apoiem e se fortaleçam umas às outras. Aqui vemos uma inversão de expectativas em relação a quem reproduz a educação de gênero.

Ao escolher ir morar com o pai, a nossa participante se tornou uma mulher empoderada. Ter a oportunidade de ser quem realmente deseja ser é

fundamental na vida das mulheres, assim elas se descobrem como pessoas, desenvolvem seus gostos pessoais, realizam escolhas mais conscientes e acima de tudo se aceitam como realmente são mantendo a autoestima que, muitas vezes, é sabotada pela educação de gênero e pelos padrões de feminilidade impostos.

as identidades de gênero [...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. (LOURO, 1997, p.28).

Após a morte do pai, Maria não voltou para a casa da mãe, mas passou a morar sozinha, tendo uma vida completamente independente e autônoma. Foi a partir dessa fase que ela começou a sentir também o peso de ser mulher numa sociedade machista e sexista; “num meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil” (RAGO, 2013, p. 23).

Ao ir morar com a avó e o avô, mesmo não deixando de ser quem é e continuando a viver a mesma vida de antes, aos olhos da sociedade ela estava na suposta tutela de alguém da família, aos olhos do pai de sua amiga ela agora seria uma mulher respeitável, digna de ser companhia para sua filha, confiável ao ponto de deixar a filha dormir agora em sua casa. “Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2000, p. 12).

Finalizando o texto, as inquietações sobre o ser mulher ficam claras, Maria compreende que, apesar de todas as dificuldades e preconceitos sofridos, há a possibilidade, mesmo com toda luta, de como mulher conseguir conquistar seus objetivos através de esforço e persistência.

3.5.2. Segundo documento: Minha primeira boneca.

Como já exposto na atividade 1, sempre fui induzida a ser “menininha” e uma das formas como isso acontecia era através das minhas bonecas que para mim eram minhas filhas. A brincadeira de boneca sempre me fez acreditar e querer um casamento perfeito, uma casa para eu cuidar e um bebê para eu educar. Minha primeira boneca ganhei no meu primeiro Natal, em 1993, hoje ela não tem nome e se teve algum dia eu esqueci. Mas o fato é que ainda a tenho e que até uns 13 anos cuidei dela como um bebezinho de verdade, trocava fraldas, colocava para dormir e não deixava ninguém fazer nada com ela que eu sentisse que podia machucá-la. Sempre gostei tanto dessa boneca que doei muitas das que eu tinha mas essa não tenho coragem, ela é especial e, até hoje, a vontade de casar e ter filhos se mantém, e quando isso acontecer a boneca também irá comigo.



Fonte: Imagem da primeira boneca cedida pela participante

Este segundo texto, em comparação com o primeiro, mostra que mesmo com toda a consciência adquirida por Maria sobre as imposições e restrições de gênero e sua busca de auto afirmação e liberação, a socialização não falhou e isso fica claro no primeiro parágrafo. A(as) boneca(s) tiveram papel fundamental nessa educação e aprendizado. Ela tinha as bonecas como filhas e a partir delas alimentou e ainda alimenta um desejo de estabelecer uma família nos padrões

heteronormativos vigentes. Em que o papel da mulher é ser uma boa esposa, cuidando da casa, do marido e dos filhos.

O treinamento não falhou: ao “brincar” de cuidar da boneca ela aprendeu nos gestos a esperar o mesmo para a vida real. Talvez pela sua história de vida até então, ela não irá se submeter a uma relação de submissão ao marido e ao lar, servindo apenas de cuidadora. Em sua trajetória ela sentiu o gosto da liberdade e da independência. Como mulher ela sabe reconhecer o valor de todas essas conquistas. Mas não podemos perder de vista o quanto a socialização e a aprendizagem de gênero feminino é eficaz ao ponto de fazê-la desejar que suas expectativas em relação a um casamento perfeito se realizem, inclusive carregando consigo o simbolismo utilizado para aprender tudo isso: a boneca.

3.5.3. Terceiro documento: Material produzido na oficina de bonecas, fotografia da boneca e apresentação oral (texto transcrito).



Boneca Maria. Foto realizada na oficina de bonecas.

Fonte: Arquivo pessoal

Bom, a minha boneca, eu tentei me representar na boneca, pelo menos assim... é... um pouco do que eu acho que sou (riso) e também um pouco do que eu queria ser. Porque alguns traços da... por exemplo, a faixinha, vocês nunca me viram de faixinha, mas é... Me lembra minha mãe, e ... é uma pessoa que eu admiro, assim, e que, há algumas coisas nela que eu posso ter pra mim, entendeu?

Então, a faixinha, a pulseirinha aqui no braço, também é característica da minha mãe, você olha, eu deveria ter feito umas tatuagens também (riso), não fiz, não deu tempo. Certo? Era pra eu ter feito umas tatuagens, mas não deu porque tatuar não era simples.

Pronto! Mas o cabelinho vermelho, a roupinha meio hippie assim... eu tentei me representar na boneca. E o nome dela é Maria e ela anda descalça porque normalmente eu ando descalça também, onde eu chego eu tiro a sandália.

Pesquisadora: Como foi a experiência de participar da oficina?

Ah, eu amei. Eu gosto de fazer essas coisas... Amei!

Dentre as elaborações e apresentações de bonecas realizadas, esta, mostra-se repleta de significações aparentemente contraditórias, mas reveladoras. Apesar de Maria ter dito que se representou através da boneca, e isso fica bem evidente na aparência da participante (branca, cabelo vermelho, olhos castanhos e estilo meio hippie), ela coloca na boneca acessórios que não pertencem ao seu modo de se vestir, como a faixa no cabelo e a pulseira no braço, características visuais de sua mãe.

Quando ela diz que tem na boneca um pouco do que ela gostaria de ser, deixa evidente que ela gostaria de ter características tanto visuais como de personalidade da mãe. Apesar do afastamento e embates vividos, ela admira a mãe, por isso representou um pouco da mãe na boneca.

E, por fim, ela vê de forma positiva sua participação na oficina de bonecas. Apesar de parecer estar nervosa, pôde-se notar que ela elaborou a boneca com carinho, pois no momento da apresentação ela alisava o cabelo da boneca.

3.6. Finalizando

O que pudemos extrair desses relatos? Que em nossa sociedade, primeiramente no lar, se dá a aprendizagem de gênero. O ser mulher é constituído e construído não só a partir de seu sexo, mas social e culturalmente, a partir de suas relações com o outro e de seu lugar de referência. O corpo passa a ser também lugar de padronização e aprendizagem dos gestos.

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (LOURO, 2000, p. 11).

É no corpo que atribuímos as marcas visíveis daquilo que somos, é no corpo que modelamos e que damos sentido concreto às nossas situações sociais. “É através do corpo que experimentamos tanto o prazer quanto a dor” (LOURO, 2000, p.36), seja ela física ou emocional. Dar voz às mulheres para que falem sobre si, ainda é e continuará sendo importante na medida em que ainda enxergamos uma série de ocultamentos e apagamentos sobre a vida das mulheres em vários setores da sociedade.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. [...] Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio” de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p. 17).

Abrir espaço de fala e auto representação para mulheres nos meios em que elas circulam as faz pensar na construção de suas identidades de gênero, as faz pensar no seu poder de ação, autonomia e liberdade, as faz questionar as várias possibilidades de viver seus desejos e prazeres e como elas podem pensar por si e sobre si.

Estamos aqui operando a partir de uma perspectiva teórica que entende a representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora. Nessa perspectiva, não cabe perguntar se uma representação "corresponde" ou não ao "real", mas, ao invés disso, como as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o "real". (LOURO, 1997, p. 99).

Assim, cada relato é válido como autoidentificação, como representação simbólica de si e do que se sente: a representação do gênero feminino e o reflexo de suas vidas como mulheres que são, do que passam e do que vivenciaram e vivenciam.

CONSIDERAÇÕES

Longe de serem conclusivas, as considerações que temos a fazer são no sentido de que, apesar das dificuldades de se elaborar uma pesquisa como esta em que trabalhamos na perspectiva empírica e subjetiva, é importante valorizar as possibilidades de observar e ler histórias de mulheres anônimas que, sem essa oportunidade, não seriam conhecidas. Há mulheres à nossa volta que têm uma biografia tão diversa e curiosa como a nossa própria. Dar voz e ouvir as mulheres é ir na contramão da negligência que ocorre a cada dia com todas nós, muitas vezes invisíveis no espaço público e até mesmo no espaço íntimo privado. Quantos e quantas de nós paramos para ouvir sobre a vida e refletimos sobre as identidades de nossas avós, mães, tias, primas, amigas? Quantos sentimentos são guardados, abafados e esquecidos por todas nós? Quantos detalhes das vidas das mulheres, que fizeram parte da construção do que muitas de nós hoje somos, são deixados no passado? A infância, a juventude, os sonhos e os desejos...

De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres. A cultura feminina, nessa direção, foi repensada em sua importância, redescoberta em sua novidade, revalorizada em suas possibilidades e contribuição, antes ignoradas e subestimadas. (RAGO, 2013, p. 25).

Os Estudos Culturais trouxeram uma nova perspectiva de análise, dando-nos a oportunidade de discutirmos temas antes não considerados importantes ou possíveis de serem estudados, principalmente no âmbito da academia. Com os Estudos Feministas e a História das Mulheres trabalhos como este, abordando a educação, o ensino e aprendizagem de gênero (nesse caso feminino) num curso de Pedagogia tornou-se possível.

É possível falar e questionar sobre os múltiplos sentidos de ser mulher, o que esses sentidos e entendimentos do que é ser mulher acarretam na vida das pessoas que se reconhecem nesse gênero. Embora essa identidade seja constituída a partir da diferença do outro (o masculino), mesmo dependendo da diferença, ela não é fixa, ela é construída, é imposta e ressignificada, como vimos

através dos relatos de Loira, Rosa, Emília e Maria em suas peculiaridades e nuances.

Como vimos, o que ainda se espera de uma mulher é que ela siga um modelo de comportamento, com normas do que ser e como ser. A boneca historicamente reforça esse ensinamento, principalmente na atualidade, de forma a moldar os desejos e os gestos cotidianos de cada menina/mulher. Em contraposição, “Uma das principais finalidades dos feminismos é libertar as mulheres da figura da Mulher, modelo universal construído pelos discursos científicos e religiosos” (RAGO, 2013, p. 28), sociais e culturais.

Precisamos, ainda, explicar por que as pessoas *assumem* suas posições de identidade e se *identificam* com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O *nível psíquico* também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas. (Woodward, 2012, p. 15).

A família, a escola, a política, os meios de comunicação, o mercado e tantos outros meios reforçam a cada dia a idealização do que é ser mulher. Movimentos contrários como os feminismos e as novas perspectivas educacionais aos poucos, já durante alguns anos, vêm buscando estabelecer alternativas que conduzam as mulheres (mas também os homens) a promoverem novas formas de subjetividade, estabelecem novos olhares sobre si e sobre o outro e procurar entender que, em relação aos modos de ser, eles podem de múltiplos e sem amarras, sem injustiças e limitações de gênero. A educação pode ser desprendida, aberta, saudável e igualitária para todos os todas.

Fica esta reflexão acerca da educação das mulheres através das brincadeiras e dos brinquedos como a boneca, objeto cultural simbólico e cercado de representatividade, deixando este trabalho em aberto para novas análises e inspiração para outros/as pesquisadores/as da área adicionarem informações e/ou tecerem outras reflexões.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Quem educa quem**. São Paulo: Summus, 1885.
- ANDRADE, Fernando César Bezerra de. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e Diversidade Sexual: um glossário** – João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009. 56p.
- BAUER, Martin W, GASKELL, George. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Capítulos: 4 e 6).
- BOURDIEU, Pierre (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunização. Considerações a partir de uma experiência de formação docente**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: Alguns achados de pesquisa**. GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação. (2008). http://31reuniao.anped.org.br/5trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20-%20gt23%20-%20maria%20eulina%20pessoa%20de%20carva.pdf
- CHEIDA, Paulo de Tarso. **Pedagogia do desenho infantil**, Campinas: Editora Alínea, 2007, 2º edição.
- CONARD, Nicholas J. **A estatueta do Aurignacian basal de Hohle Fels caverna no sudoeste da Alemanha**. Nature 459, 248 – 252 (14 Maio 2009). URL: <http://www.nature.com/nature/journal/v459/n7244/full/nature07995.html>
- COSTA, Cristina. **A magia das bonecas**. Super Interessante, Ano 6. N.º 8, Agosto, 1992.
- DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 4 ed. Curitiba: Criar edições, 2006.
- ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública/** Norbert Elias; organização e apresentação, Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort; tradução textos em inglês, Sérgio Benevides; textos em alemão, Antonio Carlos dos Santos; textos em holandês, João Carlos Pijnappel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schöter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FACINA, Adriana; SOIHET, Raquel. **Gênero E Memória: Algumas Reflexões**. Niterói, v. 5, n.1, p. 9-12, 2. Sem. 2004.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados 2002. (Coleção educação contemporânea). (Estudo Um, páginas: 3 a 17).

LE BRETON, David, 1953. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós/estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva . 2ª edição, Autêntica, Belo Horizonte 2000 .

McCOID, Catherine Hodge; McDERMOTT, Leroy D. Toward Decolonizing Gender: Female Vision in the Upper Paleolithic. **O antropólogo americano**. New Series, Vol. 98, N ° 2 (Jun., 1996), p. 319-326. Publicado por: [Wiley](http://www.wiley.com) , em nome da [Associação Americana de Antropologia](http://www.jstor.org/stable/682890). Estável URL: <http://www.jstor.org/stable/682890>.

MATTELART, Armand. NEVEU, Érik/ **Introdução aos estudos culturais** – São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Capítulo II).

MORENO, Montserrat. **Como se Ensina a Ser Menina: o sexismo na escola**. Tradução: Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PEREIRA, Regina Celi Mendes (Organizadora). **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUSA, Roselne Santarosa de; MELO, Maria de Fátima A. de Queiroz. **Descobrimo o lugar da boneca de pano na cultura lúdica brasileira**. UFSJ, 2009. URL: <http://www.abrapso.ufba.br>

SOUZA, Érica Renata de Souza. **Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar**. *cadernos pagu* (26) janeiro-junho de 2006, p. 169-199.

VASCONCELOS, Fátima - UFC. **Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural**. Porto Alegre, Outubro de 2003. URL: <http://27reuniao.anped.org.br/qt07/t074.pdf>

Gênesis. A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896p. ISBN 978-85-311-0237-8

Sites:

<http://michaelis.uol.com.br>

<http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/internacional/figurativa.html>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo100/arte-figurativa>

<http://bauzinhodaarte.blogspot.com.br/2012/05/arte-figurativa-o-figurativismo-tambem.html>

<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/arqueologia-e-paleontologia/primeiro-registro-de-arte-figurativa-humana/>

<https://dikecraftart.wordpress.com/tag/origem-bonecas/>

http://lounge.obviousmag.org/dona_efemera_e_dona_perpetua/2013/03/as-bonecas-na-antiguidade-ou-nem-a-morte-nos-separa.html

<https://museudosbrinquedos.wordpress.com/2010/09/12/808/>

<http://diariosanacronicos.com/blog/pandora-dolls-as-tataravos-legais-da-barbie/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo

<http://www.toymagazine.com.br/boneca-emilia-grow.html>

<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/estrela-um-mundo-de-encanto.html>

<http://www.fredcunhanews.com/2015/02/brinquedo-dos-anos-70-bonecas.htm>

<https://barbiescollectors.wordpress.com>

www.museuhistoriconacional.com.br

<http://anacaldatto.blogspot.com.br/2013/10/boneca-susi-negra-anos-70.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Monster_High

<http://www.mulhertendencias.com/bonecas-da-monster-high-para-dia-das-criancas.html>